



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Faculdade de Formação de Professores  
Graduação: Pedagogia

Maria dos Remédios Barbosa

**Raízes do passado, presentes nas memórias: a “Capelinha” da  
antiga fazenda do bairro Engenho Pequeno – São Gonçalo**

São Gonçalo  
2011

Maria dos Remédios Barbosa

Raízes do passado, presentes nas memórias: a “Capelinha” da antiga  
fazenda do bairro Engenho Pequeno – São Gonçalo



Monografia apresentada ao Departamento de  
Educação da Faculdade de Professores da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
(FFP/UERJ), como requisito parcial para obtenção  
do grau de licenciada em Pedagogia

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Inês Ferreira de Souza Bragança

São Gonçalo  
2011

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

B238 Barbosa, Maria dos Remédios.  
Raízes do passado, presentes nas memórias: a “Capelinha” da antiga fazenda do bairro Engenho Pequeno – São Gonçalo / Maria dos Remédios Barbosa. – 2011.  
92f.

Orientadora: Inês Ferreira de Souza Bragança.  
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição – São Gonçalo (RJ). 2. História oral. 3. Memória. I. Bragança, Inês Ferreira de Souza. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Educação.

CDU 272(815.3)

Maria dos Remédios Barbosa

Raízes do passado, presentes nas memórias: a “Capelinha” da antiga  
fazenda do bairro Engenho Pequeno – São Gonçalo

Monografia apresentada ao Departamento de  
Educação da Faculdade de Professores da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
(FFP/UERJ), como requisito parcial para obtenção  
do grau de licenciada em Pedagogia

Aprovado em: \_\_\_\_/ \_\_\_\_/ \_\_\_\_

Banca Examinadora: \_\_\_\_\_

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Inês Ferreira de Souza Bragança (Orientadora)  
Faculdade de Formação de Professores- FFP/UERJ

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sônia Câmara (Parecerista)  
Faculdade de Formação de Professores- FFP/UERJ

São Gonçalo  
2011

**Dedico** este trabalho aos adolescentes da comunidade da Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição pelas experiências partilhadas:  
Na fé,  
na esperança,  
e na prática do amor...

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço eternamente ao Senhor pelo amor que me faz sentir filha, irmã, amiga, herdeira. Por ser a verdade, a luz e o caminho no meu dia a dia.

Ao meu anjo da guarda, Sebastião, companheiro que me rege, me guarda, me ilumina, que não me deixa esquecer que Deus acredita em mim, apesar das minhas fraquezas. Pois o Senhor é a minha fortaleza, o meu refúgio e a minha esperança.

Aos meus pais, que me ensinaram a caminhar pelos trilhos; do respeito, da honestidade, da fidelidade, do trabalho, do companheirismo, do amor...

Ao meu marido, um companheiro de todas as horas, que partilha experiências alegres e dolorosas e me faz muito feliz com seu amor, sua presença, seu carinho....

Aos meus queridos filhos, Isabela e Pedro, que a cada dia me proporcionam um aprendizado na prática do amor, ora errando ora acertando, mas sempre tentando dar o meu melhor para que eles sejam felizes.

A todos os meus amigos que me ajudam a exercitar a prática do amor, da confiança, da compreensão, do perdão, da solidariedade... e que não desistem da nossa amizade mesmo quando vacilo.

A todas as crianças, adolescentes e jovens da comunidade da Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição, que me proporcionam a felicidade, a oportunidade, de num processo de aprender e ensinar, nos sentirmos hoje protagonistas da História da Salvação que tem suas raízes na revelação de Deus a Abraão e sua aliança eterna com Jesus, nosso Salvador.

A minha querida orientadora, que me conduziu, com sabedoria, generosidade, paciência, exemplo, esperança, confiança... na construção da minha monografia, ressaltando sempre os meus conhecimentos e experiências como ponto de partida e a partir daí apresentando novos conhecimentos e possibilidades.

*...as palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente 'raciocinar' ou 'calcular' ou 'argumentar', como nos tem ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso. (LARROSA, 2002, p. 21).*

## RESUMO

O objetivo da presente monografia é analisar a história da Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição - “A capelinha” - do bairro Engenho Pequeno, no Município de São Gonçalo, ampliando o reconhecimento da história local e dos sujeitos como membros ativos na construção da história. A pesquisa tomou como referência a análise documental e a história oral, incluindo levantamento, em bibliotecas, sobre a história de São Gonçalo e da Capelinha, realização de entrevistas com antigos moradores do bairro, pesquisa no Jornal “O São Gonçalo” e realização da gincana cultural com adolescentes que frequentam a catequese da igreja. Tendo como referência teórica Maurice Halbwachs, Pierre Nora e Walter Benjamin, dialogamos com os conceitos memória coletiva, lugar de memória e narração oral na formação do sujeito. O desenvolvimento da proposta buscou não apenas a construção do conhecimento, mas também a perspectiva de que o desenvolvimento do próprio trabalho poderia despertar nos sujeitos envolvidos - pesquisadora, entrevistados e alunos da catequese, o reconhecimento da importância da história que está presente nas relações cotidianas e que tem nos seus lugares a marca da sua identidade. Os resultados deste trabalho contribuem para a reflexão sobre a importância das histórias orais e do patrimônio material e imaterial na formação da identidade local, no contexto de práticas educativas, em que os sujeitos se reconheçam participantes ativos e efetivos na construção da história. Sem deixar de considerar a problemática atual da velocidade da comunicação e informação que afeta as relações entre os indivíduos, quando os mesmos não experimentam mais o ato de contar e ouvir as suas histórias.

**Palavras- chave:** História local. Memória. Narração. Práticas educativas

## ABSTRACT

The purpose of this monograph is to analyze the history of the Church of Our Lady of the Immaculate Conception - "The chapel" - Little Mill neighborhood in the municipality of São Gonçalo, increasing recognition of local history and subjects as active members in the construction of history. The research took as a reference document analysis and oral history, including survey, in libraries, on the history of São Gonçalo and Chapel, interviews with former residents of the neighborhood, search in the newspaper "The São Gonçalo" and realization of cultural contest with adolescents who attend catechism of the church. With reference theoretical Maurice Halbwachs, Pierre Nora and Walter Benjamin, dialogued with the concepts collective memory, a place of memory and storytelling in the formation of the subject. The development of the proposal sought not only the construction of knowledge, but also the prospect that the development of their own work could arouse the subjects involved - researcher, interviewed students and catechesis, the recognition of the importance of history that is present in everyday relationships and in place that has the mark of his identity. The results of this work contribute to the reflection on the importance of oral histories and tangible and intangible heritage in the formation of local identity in the context of educational practices in which individuals recognize themselves active and effective participants in the construction of history. While considering the current issue of the speed of communication and information that affects the relationships between individuals, when they do not experience more the act of telling and listening to their stories.

**Key words:** Local History. Memory. Narration. educational practices

## LISTA DE IMAGEM

<b>Imagem 1</b> – O poste esticado no quintal do Sr. Alfredo.....	73
<b>Imagem 2</b> – Altar da Capelinha de Nossa Senhora da Imaculada Conceição.....	74
<b>Imagem 3</b> – “O casarão” da Fazenda Engenho Pequeno.....	75
<b>Imagem 4</b> – Foto montagem utilizando a imagem 3 com uma foto da Igreja N.S. da Imaculada Conceição (2011) .....	76
<b>Imagem 5</b> – Foto montagem das fotos do álbum pessoal da Sra Marilene, no casarão da Fazenda Engenho Pequeno com a foto da Casa Grande da Fazenda do Engenho Pequeno de Molina e Silva (1998).....	77
<b>Imagem 6</b> – Marilene da Silva Santos e João Luiz Gomes da Cruz na Fazenda Engenho Pequeno.....	78
<b>Imagem 7</b> – Marilene da Silva Santos com seus pais na Fazenda Engenho Pequeno.....	79
<b>Imagem 8</b> – Foto montagem da imagem 2 com uma foto tirada na casa do Sr. Alfredo.....	80
<b>Imagem 9</b> – Foto montagem da foto da capelinha (Foto adquirida no processo da gincana cultural) com a foto da Capela de Nossa Senhora do Rosário de Molina e Silva (1998).....	81
<b>Imagem 10</b> – Foto montagem da foto da capelinha com a foto das irmãs Tereza e Vanilda no dia da entrevista (2009).....	82
<b>Imagem 11</b> – Foto da capela provisória de N.S. da Imaculada Conceição em 1978.....	83
<b>Imagem 12</b> – Foto da construção da Igreja N.S. da Imaculada Conceição .....	84
<b>Imagem 13</b> – Foto do Sr. Alfredo na construção da Igreja N.S. da Imaculada Conceição....	85
<b>Imagem 14</b> – Foto do Sr. Valdir dos Santos .....	86
<b>Imagem 15</b> – Foto dos adolescentes no dia da entrevista com as irmãs Tereza e Vanilda (2009).....	87
<b>Imagem 16</b> – Foto dos adolescentes (Poliana, Gabriel e Mateus Cavalcante) na frente da Igreja N.S. da Imaculada Conceição no dia da entrevista com as irmãs Tereza e Vanilda (2009) .....	88
<b>Imagem 17</b> – Foto da primeira comunhão de Maria dos Remédios Barbosa.....	89

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO: A “CAPELINHA” E OS MORADORES DO BAIRRO ENGENHO PEQUENO, UMA HISTÓRIA LOCAL QUE SE FAZ CONHECER .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I: A HISTÓRIA DA “CAPELINHA”: REGISTROS DA LITERATURA.....</b>	<b>13</b>
2.1. Pesquisa no jornal “O São Gonçalo” .....	21
<b>CAPÍTULO II : DA AÇÃO EDUCATIVA E MEMORIALÍSTICA À PESQUISA: TRILHANDO O PASSADO PELOS CAMINHOS DA PRESENTE RECORDAÇÃO.....</b>	<b>23</b>
2.1. Primeiros movimentos da pesquisa: as conversas informais com moradores do bairro....	23
2.2. O trabalho de memória, história e narração com adolescentes da Igreja Nossa Senhora da Conceição.....	28
2.3. A gincana cultural.....	35
<b>CAPÍTULO III: REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA NARRATIVA DA PESQUISA.....</b>	<b>38</b>
<b>CAPÍTULO IV: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>46</b>
<b>APÊNDICE A - Contrato de Trabalho proposto aos entrevistados (as).....</b>	<b>48</b>
<b>APÊNDICE B - Transcrição das entrevistas.....</b>	<b>49</b>
<b>APÊNDICE C- Gincana .....</b>	<b>71</b>
<b>APÊNDICE D- Fotografias.....</b>	<b>73</b>

**INTRODUÇÃO:**  
**A “CAPELINHA” E OS MORADORES DO BAIRRO ENGENHO PEQUENO, UMA  
 HISTÓRIA LOCAL QUE SE FAZ CONHECER.**

O objetivo da presente monografia é investigar a história da capela (“Capelinha”) da antiga Fazenda do Engenho Pequeno, localizada no município de São Gonçalo, especificamente no bairro Engenho Pequeno. Com o trabalho pretende-se possibilitar a coleta do registro existente das memórias e experiências dos moradores sobre o período em que a capela fez parte do cotidiano do bairro, bem como envolver um grupo de adolescentes no processo formativo que articula memória, narrativa e história local.

*...foi ali que eu conheci Jesus, mesmo já sabendo com a minha mãe. Aliás, a gente conhece muito antes, porque a minha mãe era de Igreja. Não com o conhecimento que a gente tem hoje. Ela aprendeu com a minha vó, que era filha de escrava com senhores, então minha mãe aprendeu do jeito dela, mas era fervorosa na fé. Ai nós aprendemos, ela botava a gente naquela responsabilidade de aprender mais, então o maior conhecimento foi **aqui** naquela capelinha. Eu tinha uma foto, mas emprestei e a pessoa perdeu, então fiquei triste, porque era uma lembrança.  
 Erovaltina (Depoimento oral, julho de 2008)*

Silva (2002), ao valorizar a importância da “rememoração” nas utilizações sociais da memória, parte da análise de Maurice Halbwachs sobre memória coletiva, em que o autor afirma que a memória não é um fenômeno em que o indivíduo interioriza suas recordações sem que o seja afetado pela construção social e coletiva. A memória é, em parte, formada pela família e pelos grupos sociais.

Nesse sentido, reporto-me às minhas recordações em um primeiro momento da infância, por cerca dos sete anos, vivenciada e fortemente afetada na sua construção social e coletiva, em que as histórias construídas com os moradores do bairro tiveram a “Capelinha”, como palco dos nossos encontros.

Tive a felicidade de conhecer a “capelinha” na minha infância, foi lá que fiz minha primeira comunhão aos nove anos. Pouco tempo depois ela foi derrubada e no local foi construída uma nova Igreja que manteve, como padroeira, a devoção à virgem Maria sob o Título de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, para que comportasse um número maior de cristãos católicos do bairro.

Sendo frequentadora da Igreja e participando da catequese que nela é realizada, há muito tempo desejava rememorar sua história, através de fotos, com as pessoas que dela fizeram e fazem parte, e aproveitar contar para às crianças e aos novos frequentadores da comunidade. Ainda nesta época pensava apenas no grupo da Igreja, hoje acredito na importância de estender-se a outros grupos do bairro que conhecem pouco ou nada sobre a história da “capelinha” que se afirma como um “lugar de memória” do bairro. Entretanto, tinha muita dificuldade de iniciar, pensava em apenas coletar fotos antigas e montar um pequeno álbum.

Ao cursar a disciplina Pesquisa em Educação III no curso de Pedagogia, e quando solicitada a escolha de um objeto para minha pesquisa, relatei à professora da disciplina, Sônia Câmara, o meu antigo desejo de rememorar a história da capela, e fui por ela orientada e incentivada a fazer dele o meu projeto de pesquisa.

Outro motivo que me levou a reafirmar a escolha pela história local a partir da capela, foram as aulas da disciplina Tempo e Espaço: História I, em que a professora Adriana Rocco solicitou que fizéssemos uma aula expositiva sobre a história local de um bairro ou um município. Ao realizar o trabalho compreendi a importância dos alunos na participação da reconstrução da história local e que eles se reconheçam como personagens na construção da história. Que sejam capazes de olhar para o passado e compreender que o presente tem nele a sua raiz.

Houve também uma experiência vivenciada na Igreja, que logo me chamou à atenção para o trabalho de pesquisa e muito me estimulou. Duas estudantes da 8ª série do ensino fundamental da Escola Estadual Luiza Honória do Prado (antigo grupo escolar em que iniciei o meu ensino fundamental), chegaram procurando pelo padre. Elas queriam entrevistá-lo sobre a história da “capelinha”. Aproveitei e perguntei o porquê da história da capela. Elas disseram que estavam fazendo um trabalho sobre a história do bairro e que a capela pertencia à antiga Fazenda do Engenho Pequeno da qual deu origem ao nome do bairro. O interessante é que o trabalho não era de história e sim de arte. O professor havia dado um tema livre e elas tinham curiosidade de saber mais sobre o bairro onde moram e estudam. Penso que a escola, de acordo com a visão de Paulo Freire (1979), deve ser um espaço de construção de uma prática libertadora onde educador e educando participem do projeto de transformação da realidade de suas vidas, possibilitando melhorias, nesse sentido, o conhecimento da história local é de grande importância.

Foram essas vivências pessoais e acadêmicas e outras experimentadas no dia a dia que impulsionaram a realização da pesquisa, partindo das memórias e também dos registros

documentais já existentes, pretende-se analisar as contribuições deixadas e como esse legado se articula ao processo educacional e cultural do bairro.

A pesquisa toma como referência a análise documental e a história oral, buscando analisar como experiências vividas encontram um sentido e possibilitam construir novos significados. Como nos ajuda compreender Maurice Halbwachs

...a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. (HALBWACHS, 1990, p.71)

Nesse sentido, delimitamos como objetivos:

- Analisar a história da Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição do bairro Engenho Pequeno no Município de São Gonçalo, ampliando o reconhecimento da história local, possibilitando que os participantes da pesquisa se reconheçam como membros ativos na construção da história no momento presente, sendo fruto de uma transformação que tem no passado suas raízes.
- A partir da rememoração da história da Capela, contribuir para a discussão em torno de projetos que tenham como objetivo de promover o registro, durante o processo educativo, da história local no seu cotidiano, incentivando o aluno a pensar, a questionar e a investigar o meio em que vive, reconhecendo-se integrante e participante na construção da história, em que o seu local não está isolado, é parte de um todo.

O interesse pela rememoração e reconstrução da história local, ainda que sucinta, tem sua origem antes mesmo do ingresso na universidade. Começou com o interesse em registrar apenas as memórias sobre a capela com o objetivo de apresentar o trabalho final para as crianças da Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição do bairro Engenho Pequeno, contribuindo com o reconhecimento e valorização da sua importância na história da Igreja local.

Entretanto, ao ingressar na universidade e ao fazer algumas leituras reconheci nos registros que a história sobre a capela é parte integrante da história local do bairro. Então, a partir desse momento o objetivo ampliou-se para além esfera da comunidade religiosa e passou a promover uma reflexão dirigida, também, à comunidade escolar.

Para Santos (2002) a história do lugar está compreendida entre as realidades da sua localidade, dos seus habitantes no tempo, como partes vivas, ativas e inseparáveis da história

do mundo, nos seus aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais. Neste processo histórico é que as populações locais, no seu cotidiano, constroem sua identidade, a partir das suas relações com o trabalho, a escola, a família, a vizinhança.

Para rememorar a história da capela e o seu papel na construção da história do bairro Engenho Pequeno, os registros foram coletados dos livros dos autores: Maria Nelma Carvalho Braga (1998), Salvador Mata e Silva e Evadyr Molina (1995) e Salvador Mata e Silva e Evadyr Molina (1998).

O trabalho de pesquisa foi desenvolvido por meio de levantamento documental em bibliotecas sobre a história de São Gonçalo e da Capelinha. Nessa etapa foi possível contato pessoal com alguns autores. O trabalho de campo incluiu entrevistas com antigos moradores do bairro, pesquisa no Jornal “O São Gonçalo” e a realização da gincana cultural.

Nesse contexto de rememoração através dos registros e das memórias/lembranças dos moradores, observamos que, conforme sinaliza Halbwachs (1990), a memória não é apenas individual, ela é também coletiva, pois passa pelas lembranças vividas pelo indivíduo, mas que não lhes pertencem somente, são entendidas como propriedade de uma comunidade, de um grupo.

Segundo Antônio Montenegro (1994) apesar de haver uma distinção entre memória e história, essas são inseparáveis. A história é uma construção dos acontecimentos sociais do passado pela e para a sociedade e a memória é a reação que os fatos causam no indivíduo, através das relações nos grupos.

Dessa forma, caminhamos na presente pesquisa, não apenas no sentido da construção do conhecimento, mas também na perspectiva do desenvolvimento do próprio trabalho despertar nos sujeitos envolvidos, pesquisadora, entrevistados e alunos da catequese participantes da Gincana Cultural, o reconhecimento da importância da história que está presente nas relações cotidianas e que tem nos seus lugares a marca da sua identidade. Que a história é vida, é movimento, está presente em todos os lugares, em todos os momentos.

A presente monografia inicia-se com essa introdução, apresentando as motivações pessoais e acadêmicas que envolvem o foco da pesquisa, bem como os seus objetivos. A seguir, no primeiro capítulo, busco um painel sobre a história da capelinha, por meio de revisão bibliográfica e de estudo realizado no jornal “O São Gonçalo”. O segundo capítulo traz o relato da experiência que se transforma em pesquisa acadêmica, apresentando as conversas informais, as entrevistas e a gincana cultural e no terceiro capítulo reflexões que articulam as narrativas às reflexões teóricas, apontando para as considerações finais.

## CAPÍTULO I

### A HISTÓRIA DA “CAPELINHA”: REGISTROS DA LITERATURA

Dando início à investigação sobre a história da “Capelinha” da Fazenda do Engenho Pequeno, partiu-se dos registros já existentes nas produções dos historiadores Maria Nelma Carvalho Braga (1998), Salvador Mata e Silva e Evadyr Molina (1995) e Salvador Mata e Silva e Evadyr Molina (1998), sobre a história do Município de São Gonçalo.

De acordo com os historiadores pesquisados, o Município de São Gonçalo teve na sua origem, ainda como uma faixa das sesmarias, a obrigação de construir uma capela dedicada ao santo de devoção do sesmeiro. A primeira demonstração de atividade do colonizador era a capela, célula inicial da embrionária aldeia, freguesia, vila ou cidade. Esse costume estendeu-se para cada fazenda que surgia na sesmaria. A capela fazia parte do complexo de uma fazenda.

Além do desbravamento da terra, tinham os sesmeiros a obrigação de construir em suas sesmarias uma capela dedicada ao orago de sua devoção. Com a junção de todas as capitanias do território fluminense em 1619, é criada a capitania do Rio de Janeiro da qual São Gonçalo passa a fazer parte. (BRAGA, 1998, p.24 e25)

Quando iniciava no Brasil, a partir do século XVI e com grande relevância nos séculos XVII e XVIII a plantação da cana de açúcar, foram construídos grandes engenhos para beneficiamento do açúcar. No início o engenho era denominado apenas as instalações onde se produzia o açúcar. Mais tarde, o nome engenho adquiriu, através da sua importância econômica, uma valorização que passou a designar toda a Fazenda incluindo os canaviais. (MOLINA;SILVA 1996)

Pode-se assim explicar o nome da Fazenda do Engenho Pequeno. A Fazenda alcançava todo, o que é atualmente, o bairro Engenho Pequeno, como também outros bairros do Distrito de Sete Pontes. Com uma área de 7.780.000 m<sup>2</sup>, tinha no seu complexo, a casa grande, engenho de fabricação de açúcar e aguardente, capela dedicada à devoção a Nossa Senhora do Rosário, senzala e ao seu redor espalhavam-se os canaviais e as roças para alimentação dos escravos.

Em 1688, a Coroa Portuguesa envia aos proprietários das fazendas de cana de açúcar um alvará, ordenando o plantio de no mínimo 500 pés de mandioca para o sustento de seus escravos o que foi cumprido por parte dos fazendeiros. (BRAGA, 1998, p.45)

Já, a palavra pequeno pode ter sua explicação na denominação dos engenhos, onde alguns engenhos eram chamados trapiches, menos produtivo; a moenda era movida por tração animal (boi, cavalo). E outros, conhecidos como engenhos reais, instalações a beira de um rio, usava-se água como força motriz, em que a produção de açúcar era muito maior do que nos trapiches (engenhos pequenos). (MOLINA;SILVA 1996)

Essa explicação talvez não coubesse, quando tem nas terras da Fazenda a nascente do rio Imboassú, um dos principais rios navegáveis de São Gonçalo no início da colonização, com queda d'água favorável a engenho com força motriz, pelo fato da grande extensão de terra e também por de ter sido considerada uma das fazendas mais próspera de São Gonçalo.

Para manter a Fazenda na sua grande extensão e para a produção significativa de açúcar, ela dispunha de grande número de escravos. Para alimentar os escravos e todos os que viviam na Fazenda, seu proprietário destinava uma parte de suas terras para produção de gêneros alimentícios, criação de animais e das matas retirava a lenha. As Fazendas do Município de São Gonçalo eram em sua maioria autossuficientes, produziam quase tudo que consumia.

São Gonçalo na fase da riqueza agrícola teve as lavouras dos atuais bairros do Engenho Pequeno, Galo Branco, Alcântara, Sacramento, Pachecos, Itaoca, Colubandê e Guaxindiba entre as que mais se destacaram. (BRAGA, 1998, p.47)

A data da construção da Fazenda do Engenho Pequeno não pode ser definida, a data registrada é a de 1694, ano em que a fazenda tem provavelmente como seu primeiro proprietário o Sr. João de Araújo Caldeira e a sua esposa Maria Pereira. Registros esses encontrados na Santa Casa de Misericórdia, quando o Sr. João de Araújo Caldeira é promovido seu provedor.

Foi documentado ser provável primeiro proprietário o provedor da Santa Casa de Misericórdia João de Araújo Caldeira. Era proprietário quando exerceu o cargo nos anos de 1694 e no ano seguinte. Após seu falecimento, sucedeu-o na administração do engenho sua viúva Maria Pereira. Possuía a capela de Nossa Senhora do Rosário. (MOLINA; SILVA, 1996, p.104)

O Sr. João nasceu por volta de 1641, era filho de pais portugueses, casados no Rio de Janeiro em 1640, era um homem considerado muito rico, sendo um grande benemérito da

Santa Casa da Misericórdia. Em 13 de outubro de 1700, foi celebrado na Capela Nossa Senhora do Rosário um casamento, data em que o Sr. João ainda era o seu proprietário. Sua morte ocorrerá antes do término do ano de 1722, pois em 22 de novembro de 1722, quando na capela casaram-se o português Bernardo de Almeida da Silva e a gonçalense Mariana Ferreira, a Sra. Maria Pereira já estava viúva. (MOLINA;SILVA 1998)

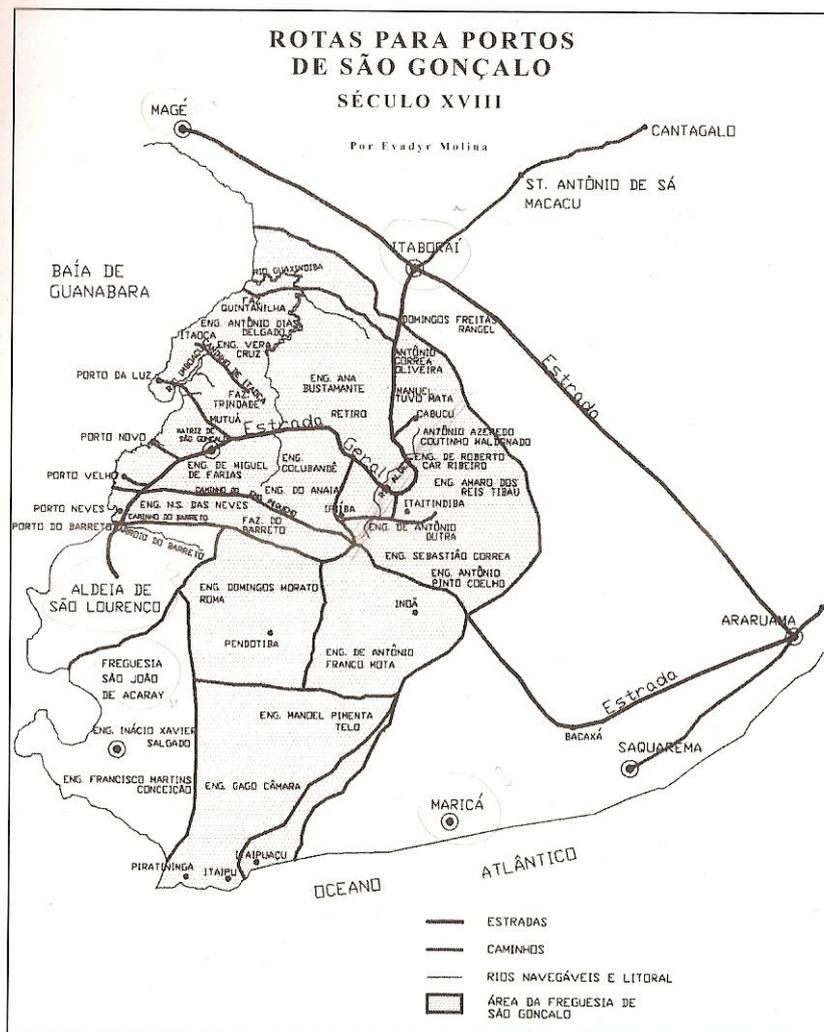
Após sua morte a administração da Fazenda ficou por conta da sua esposa Sra. Maria Pereira, até ser vendida ao capitão Miguel de Frias Vasconcelos, natural da Ilha da Madeira, que no Brasil, especificamente no Rio de Janeiro, casou-se por volta de 1756 com Antônia de Souza e em segundas núpcias com Rosa Maria de Souza.

O seu novo proprietário remodelou a capela e trocou a devoção ao título da virgem Maria, de Nossa Senhora do Rosário para Nossa Senhora da Imaculada Conceição.

Era comum entre os grandes fazendeiros, nas capelas construídas em suas fazendas, realizarem missas e festas religiosas, pois estas constituíam a única atividade social que congregava as famílias de colonos dos arredores assim como seus escravos.

Segundo o historiador Salvador (1998), a Fazenda do Engenho Pequeno até o século XIX era uma das maiores fazendas de São Gonçalo, e uma das vantagens por ela obtida era o encurtamento da distância entre aquelas fontes de produção agrícola e os pontos da baía. Esta importante trilha de tropas e carroças oferecia duas opções de acesso aos portos. Em termo de amplitude, a fazenda só perdia para a Fazenda do Colubandê e para a Fazenda do Engenho Novo do Retiro, ou seja, eram as três maiores fazendas de São Gonçalo, onde tinham os maiores engenhos e as maiores produções.

A Fazenda tinha a sua localização uma posição privilegiada, a um quarto de légua da matriz de São Gonçalo e a cerca de uma légua em direção aos portos, à baía da Guanabara. O acesso aos portos das fazendas vizinhas era uma importante trilha que cortava a fazenda Engenho Pequeno, por esta trilha em que tropas e carroças ali passavam levando grande produção agrícola em direção aos portos da baía. (MOLINA;SILVA 1998)



Trabalho cartográfico de Angelita Guedes.  
Vias para portos gonçalenses.  
Proprietários de fazendas e engenhos no século XVIII

Fonte: Molina e Silva (1998).

Quantas histórias ali vividas e contadas, porém não registradas, fizeram parte da construção da história da Fazenda, e tendo a “capelinha” como cenário de muitos encontros.

Esta situação privilegiada dava a fazenda uma grande movimentação, e a capela era um dos lugares para o agrupamento da população em datas festivas religiosas.

Naquela via as cargas transportadas em tropas utilizavam duas vias opcionais: o caminho da fazenda do Barreto, com acesso à aldeia de São Lourenço, sendo outra opção o trajeto da estrada que passava pelas terras do engenho de Colubandê e pelo **engenho Pequeno**, até atingir a estrada Geral,

o melhor para utilização dos portos de Neves, Porto Velho, porto Novo ou outro opcional. (MOLINA; MATA; SILVA, 1998 p.146)

De acordo com registro realizado pelo mestre de campo Jorge de Lemos Parady, em 1779 a fazenda já estava sob administração dos herdeiros do Sr. Miguel de Frias Vasconcelos e apresentava uma boa situação financeira.

RELAÇÃO DE ENGENHOS DE AÇUCAR E AGUARDENTE APRESENTADA PELO MESTRE DE CAMPO JORGE DE LEMOS PARADY A PEDIDO DO MARQUES DO LAVRADIO, DE 1779.

Parady atendeu à solicitação do marques, com informações estatísticas quanto à população, produção açucareira, de aguardente, proprietários de engenhos e total dos respectivos escravos.

Com uma população ocupando 731 residências, no aludido ano acima mencionado, São Gonçalo possuía 3 engenhos de aguardente, a saber:

1. Do capitão Amaro José Gomes da Silva, com 4 pipas e 40 escravos.
2. De Felix de Proença, com 5 pipas e 12 escravos.
3. Do Dr. Antonio Rocha, com 43 pipas e 24 escravos.

São os seguintes proprietários de engenhos de açúcar, com a respectiva produção:

1. Do Dr. Bartolomeu Corrêa, com 15 caixas, 10 pipas e 30 escravos.
2. Do Alferes Sebastião da Cunha, com 20 caixas, 12 pipas e 32 escravos.
3. **Dos herdeiros do Capitão Miguel de Frias, com 23 caixas, 17 pipas e 111 escravos.**
4. Dos herdeiros de Úrsula Ferreira, com 30 caixas, 7 pipas e 60 escravos.
5. Outro dos mesmos herdeiros do Capitão Miguel de Frias, com 26 caixas, 22 pipas e 60 escravos.
6. Do capitão Cláudio José Pereira da Silva, com 12 caixas, 7 pipas e 20 escravos.
7. Outro do mesmo, com 33 caixas, 21 pipas e 35 escravos.
8. De Domingos Rabelo Leite, com 20 caixas, 9 pipas e 25 escravos.
9. De D. Rosa de Araújo, com 40 caixas, 28 pipas e 90 escravos.
10. De D. Catarina Viana, com 52 caixas, 8 pipas e 40 escravos.
11. De D. Anna Ferreira, com 19 caixas, 6 pipas e 30 escravos.
12. De José Pacheco, com 8 caixas, 4 pipas e 20 escravos.
13. Do alferes João Ribeiro, com 41 caixas, 25 pipas e 65 escravos.
14. De Bento Lopes, com 60 caixas, 40 pipas e 60 escravos.
15. Do tenente Francisco Roberto Car Ribeiro, com 25 caixas, 16 pipas e 50 escravos. Pagina 45
16. De D. Luiza Victoria Bustamante e de D. Ana Bustamante, com 10 caixas, 9 pipas e 23 escravos.
17. Do Dr. Antonio Leite e de seu irmão, o capitão Bento Leite, com 20 caixas, 12 pipas e 35 escravos.
18. Do Dr. Antonio Pedro Roiz Ferrão, com 8 caixas, 6 pipas e 22 escravos.
19. De José de Souza Codeço com 6 caixas e 10 escravos.

20. De Francisco Miz` (Mariz) Coutinho com 10 caixas, 15 pipas e 30 escravos. (MOLINA; MATA; SILVA, 1998 p.46)

Com a morte do Sr. Miguel de Frias Vasconcelos, no ano de 1782, a Fazenda passa a ser administrada pelo seu filho o tenente coronel Joaquim de Frias Vasconcelos.

A Fazenda na época ocupava uma posição sócio-econômica privilegiada e ao novo proprietário foi incumbida à promoção, na Capela de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, de festas anuais em intenção a São Miguel, com missa cantada e sermão. Estas solenidades eram freqüentadas por muitos moradores das proximidades. Esta devoção a São Miguel se dava pelo fato do Sr. Joaquim de Frias Vasconcelos, ser o administrador da irmandade de São Miguel na matriz de São Gonçalo.

Entretanto, através da observação registrada do Monsenhor Pizarro, representante eclesiástico que visitava as Igrejas e Capelas, o Sr. Joaquim de Frias Vasconcelos, que já não gozava de bom prestígio junto às autoridades eclesiásticas, e que provavelmente não morava na Fazenda, não dava a correta manutenção a Capela.

Após sua visita pastoral àquele templo, Pizarro considerou-o impróprio às práticas religiosas, tendo efetuado o seguinte registro: “Indo eu a visitá-la, muito a propósito não apareceram às chaves; por esta razão e por me constar que não se achava em termos o uso, por falta de ornamentos e mais precisos, além de outras circunstâncias, deixei-a interdita”. (MOLINA; MATA; SILVA, 1998, p.65)

Em 1794, o Monsenhor Pizarro interdita a capela da Fazenda devido a má conservação pelo seu proprietário o Tenente Coronel Joaquim de Frias Vasconcelos. (BRAGA, 1998, p.79)

A família Frias era uma família bem tradicional. O Sr. Joaquim de Frias Vasconcelos casou-se com Leocádia Tereza da Glória, no Rio de Janeiro por volta de 1790, o casal teve quatro filhos que mais tarde tiveram certa influência na vida da Fazenda e da Capela, eram eles Manuel Frias de Vasconcelos, Luiz, Maria e Miguel de Frias Vasconcelos.

Muitos dos descendentes dos proprietários de Fazendas de Engenhos deslocaram-se para a cidade do Rio de Janeiro e tornaram-se intelectuais, militares e políticos.

Miguel de Frias e Vasconcelos nasceu a 15 de outubro de 1805. Filho de um militar (o tenente-coronel Joaquim de Frias Vasconcelos), seguiu a carreira de seu pai e assentou praça como cadete no 1º Regimento de Cavalaria aos 15 anos de idade. Oficial de artilharia daí a três anos, ele procurou logo ilustrar o seu espírito e seguir o curso da Escola Militar. Merecendo distinção pelos seus progressos e atividades, adiantou-se seguidamente nos postos até o de major graduado. Faleceu no dia 25 de maio de 1859.

[http://pt.wikisource.org/wiki/Galeria\\_dos\\_Brasileiros\\_Ilustres/Miguel\\_de\\_Frias\\_e\\_Vasconcelos](http://pt.wikisource.org/wiki/Galeria_dos_Brasileiros_Ilustres/Miguel_de_Frias_e_Vasconcelos)

No belo casarão, ricamente construído pelo seu primeiro proprietário, e quando já pertencente ao Sr. Miguel de Frias Vasconcelos (neto), eram promovidos saraus para a sociedade mais abastada e conceituada da cidade, incluindo o Imperador que todas as vezes que vinha a São Gonçalo não deixava de comparecer a essas reuniões.

O Imperador retornou várias vezes a São Gonçalo, em especial nas fazendas: Engenho Novo do Retiro (na freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Cordeiro) e Jacaré (na freguesia de São Gonçalo) ambas de propriedade do Barão de São Gonçalo; **Engenho Pequeno** (na freguesia de São Gonçalo) de propriedade de Miguel de Frias Vasconcelos; (BRAGA, 1998, p. 49)

Durante todo período do século XVI até a maior parte do século XIX, em consequência de uma economia agrícola, o atual Município de São Gonçalo tinha a predominância de uma paisagem rural.

Entretanto, no final do século XVIII, o relatório do Marques de Lavradio (1778) aponta mudanças na geografia dos engenhos de açúcar e aguardente. Há um crescimento de engenhos açucareiros na região de Campos de Goytacazes, onde os solos são mais férteis e a terra está menos cansada.

No século XIX, com a substituição dos engenhos de açúcar por cafezais houve um processo de esvaziamento populacional da cidade, agravado pelo aparecimento da malária, começando a surgir as primeiras ruínas dos antigos casarões. (BRAGA, 1998, p. 48 )

Toda essa mudança não significou o fim das Fazendas no Município, que teve sua produção até meados do século XIX, contudo inicia algumas transformações. Em 1843, a Fazenda do Engenho Pequeno é arrendada por Antonio Ornelas, que tem como herdeiros Paulo Antonio Ornelas e João da Fonseca Rangel. Quarenta e cinco anos depois (1887) a Fazenda é vendida para Manoel da Costa Nogueira, filho de Reginaldo José Nogueira. Igualmente, Manuel era proprietário da Fazenda Mutuá e de terras no setor próximo a serra do Mato Grosso no município de Saquarema.

A partir do século XX a Fazenda inicia o seu processo de extinção.

Em 1910, o governo do estado desapropriou uma faixa de terras da fazenda para instalar a 1ª rede de transmissão de energia elétrica para Niterói e São Gonçalo por Gafree e Guinlle. Estes indenizaram Manoel com a importância de 500 mil réis, os quais foram depositados em juízo devido a não se ter

chegado a um acordo quanto ao valor da indenização. Com o fechamento da Cachoeira da Tenda (que abastecia toda a fazenda) em benefício da Companhia de Luz, ficou a fazenda sem água, desta forma ficou difícil tocar a fazenda e Manuel mudou-se para a fazenda do Mutuá onde veio a falecer em 09 de setembro de 1921. (BRAGA, 1998, p.79)

A Fazenda do Engenho Pequeno foi desmembrada em várias pequenas fazendas menores; fazenda da Bica, fazenda de Porto Novo, fazenda Lindo Parque e outras, todas pertenciam a Fazenda do Engenho Pequeno. De acordo com Salvador da Mata (1998), atualmente vários bairros de São Gonçalo estão localizados em áreas que já pertenceram a Fazenda do Engenho Pequeno.

De acordo com os registros de Nelma Braga, sobre o surgimento dos primeiros bairros, as fazendas transformaram-se em sítios, de onde surgiram loteamentos que a partir de 1950 vieram dar origens aos bairros.

Em 15 de dezembro de 1938, são criados os Distritos de Sete Pontes, Monjolos e José Mariano, através do Decreto 641, ficando São Gonçalo constituído de seis Distritos: São Gonçalo, Itaipu, José Mariano (ex-Cordeiro), Monjolos, Neves e Sete Pontes. (BRAGA, 1998, p. 57)

Com a definição do bairro Engenho Pequeno e conseqüentemente o loteamento de suas terras, mudava a cada dia a paisagem rural que ainda restava, como as pequenas roças de hortaliças, dando lugar as exigências do progresso. Entretanto, até os primeiros anos da década de 1970 estava ali, de pé os dois monumentos históricos testemunho da grandeza econômica de uma longa história que atravessara séculos, participaram do Brasil colônia, Brasil independente império e república, **o casarão e a capela.**

Com a Lei 16.620 de 31 de maio de 1972, ficou regulamentada a resolução nº 6 de 05 de abril. Esta Lei estabeleceu que todos os sítios arqueológicos e monumentos considerados como atração turística ficam sob a proteção do poder público municipal e estadual. (BRAGA, 1998, p.55)

A aprovação da Lei 16.620 não foi suficiente para impedir que derrubassem o casarão e por último a Capela.

O patrimônio material já não existe, contudo o casarão e capela quando ainda erguidos nos seus últimos anos fez parte das histórias vivenciadas pelos novos moradores que chegavam ao bairro Engenho Pequeno. Hoje, o casarão e a capela são patrimônio imaterial, presentes na nossa história a partir da memória.

A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. (LE GOFF, 2003, p. 471)

## 2.1. Pesquisa no jornal “O São Gonçalo”

A investigação sobre os registros incluiu também a visita ao jornal “O São Gonçalo”. O contato foi realizado através de um funcionário do departamento do arquivo do jornal.

Durante os meses de março a junho de 2010, a visita ocorreu, em sua maioria, duas vezes por semana ao arquivo do jornal. A pesquisa constituía na busca de registro sobre a derrubada do casarão e da capela, como também as lutas e reivindicações dos moradores em favor do bairro que se estruturava em meio a tantas faltas.

Sabendo que em 1972 ainda existia a capela e que em 1977 ela já havia sido derrubada, a busca parte do ano de 1972 e vai até o ano de 1976, entretanto, não foi encontrado nenhum registro sobre o casarão e nem sobre a capela.

As reportagens encontradas foram as seguintes: 1972 - “Engenho Pequeno agradece melhoramento”, “Lisboa muda escola para CEU” (o vereador Lisboa consegue autorização para utilizar as lojas da construtora CEU para instalar as crianças da escola municipal Engenho Pequeno). 1973 - “Engenho Pequeno reclamam barreira”, “Escola Nova” (vereador pedi a construção de uma nova escola pública para substituir a anterior que ameaça cair.), “Engenho Pequeno poderá ter seu posto de saúde em breve”, esse breve ocorreu nos finais da década de 1990. 1974 - nenhum registro. 1975 – “Pedreira pode repetir tragédia”. 1976 – “Mentor Couto já tem luz a vapor de mercúrio”. Não foram aqui mencionadas as reportagens policiais.

Enfim, o bairro Engenho Pequeno que no passado fora uma Fazenda de grande importância pela sua grandeza econômica e social, na sua constituição de bairro até a data de hoje é considerado um “bairro dormitório”. Como nos explica, através de uma reportagem no jornal, do ano de 1975, “São Gonçalo Metropolitano” de Hamilton de Mattos Monteiro.

Podemos considerar a década...1945-55 como sendo o marco de fundamentais alterações não só na paisagem geográfica como social de São Gonçalo. Na verdade, são duas situações bem diversas, com um único ponto em comum, que é a gravitação de nosso município em torno do Rio de Janeiro, numa verdadeira dependência.

São Gonçalo sempre foi fornecedor da antiga capital do Brasil. A princípio com café e açúcar, depois com produtos hortigranjeiros e agora, a partir de

1950 de força de trabalho, ou seja, operários e empregados para os mais diversos ramos dos setores secundários e terciários.

Não encontrando registros na imprensa da história do bairro neste período, a pesquisa focalizou, então, as memórias coletivas, por meio de relatos orais, como fonte e também como meio de expressão, numa perspectiva de retomar esse conjunto de vozes sociais. O desafio é como recuperar estas memórias num contexto de um tempo acelerado.

**CAPÍTULO II:**  
**DA AÇÃO EDUCATIVA E MEMORIALÍSTICA À PESQUISA:**  
**TRILHANDO O PASSADO PELOS CAMINHOS DA PRESENTE RECORDAÇÃO**

A presente pesquisa surge da ação - a prática religiosa, a atuação como catequista, a paixão pela “capelinha”, por sua história e pelo bairro me levaram a transformar *ação* em *pesquisa acadêmica*, mas também a *pesquisa acadêmica* em *ação* mais elaborada como práxis, pelo estudo de referenciais teóricos que acompanharam o trabalho e que ajudaram na construção de um caminho de estudo e de reflexão.

Assim, o presente capítulo, traz a narrativa da ação que possibilitou a realização da pesquisa que constitui esta monografia.

**2.1. Primeiros movimentos da pesquisa: as conversas informais com moradores do bairro**

Conforme apresentado anteriormente, na introdução, o primeiro momento da presente pesquisa surge bem antes da escolha do objeto de pesquisa, bem antes até mesmo da entrada na faculdade. Quando junto com outras pessoas partilhava o desejo de rememorar, através de um quadro de fotos, a história da “capelinha”. Porém, somente na graduação o desejo passou a tomar forma e possibilidade por meio da pesquisa.

Após a delimitação do objeto de pesquisa ocorrida na disciplina Pesquisa III, e sabendo que para tal a entrevista se fazia necessária, foi sob forte empolgação que a iniciei ainda que sem um roteiro.

A primeira entrevista ocorreu no mês de julho de 2008, com a senhora Erovaltina (Dina). Estava acompanhada por um amigo, Rafael, que levou a sua câmera e mais dois adolescentes: Lorena e Gabriel. Não havia preparado nenhum roteiro. A entrevista teve início com a pergunta: O que se recorda da “capelinha?”. E ao iniciar o relato das suas recordações, logo trazia muitas outras pessoas que compartilharam suas histórias.

- *“Primeiro quando eu era muito pequena minha mãe levava a gente que quando alguém falecia, D. Nini e a Tereza juntava aquela turma para fazer a ladainha, igual no interior mesmo.”*

- *“...D. Nini, ela ia fazer a ladainha em latim (risos) “Kirie elesion”. Então a gente desde pequena, a gente já aprendia assim, era a ladainha, isso era o começo né? Aí, depois, bem nisso a igreja era fechada só abria pra ladainha...”*

- *“Ai ficou dona Valdete com seu Alfredo puxando aquele carrinho de instrumento, que levava pra casa dela. Ora, a gente precisava, não estava na casa de dona Valdete, tava na casa de seu Alfredo.”*

- “E os primeiros, alguns eu lembro o nome seu Eusébio, seu Valdir dos Santos, que quando estava com muito capim no nosso caminho, eles capinavam, colocavam luz. O seu Bila, tem mais, mas eu não me lembro.”
- “ Depois veio a irmã Lidia, ...”
- “ Ai ficou minha irmã Erotildes com a falecida Neuza.”
- “ Quando o seu Felix saiu da fazenda entrou uma senhora chamada Maria Navalha,...
- “...depois do falecimento da Neuza ficou a irmã dela a Marlene, ...”

Em suas lembranças, como nos fala Maurice Halbwachs (1990), outras pessoas povoam, estão presentes e fazem parte na (re) construção da história.. A memória individual não está isolada. Quando o sujeito relata, toma como referência pontos externos e o suporte a que se apóia encontra-se relacionado às percepções produzidas pela memória coletiva e pela memória histórica. A vivência em vários grupos ao longo da vida está na base da formação da memória autobiográfica.

Consideremos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. (HALBWACHS, 1990, p.54).

Depois dessa primeira experiência, compreendi que ter um roteiro de perguntas já estabelecidas poderia conduzir melhor a entrevista, as recordações não tem caráter linear, elas oscilam entre o tempo, sendo assim as perguntas podem direcionar a narrativa de acordo com o interesse daquele que busca resgatar determinado período.

Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. (NORA,1993, p.9)

Neste mesmo dia fomos até a casa de dona Maria da Gloria e deixamos marcado com ela uma conversa sobre suas lembranças para o sábado seguinte. Mas fomos surpreendidos com a notícia do seu falecimento no decorrer da semana.

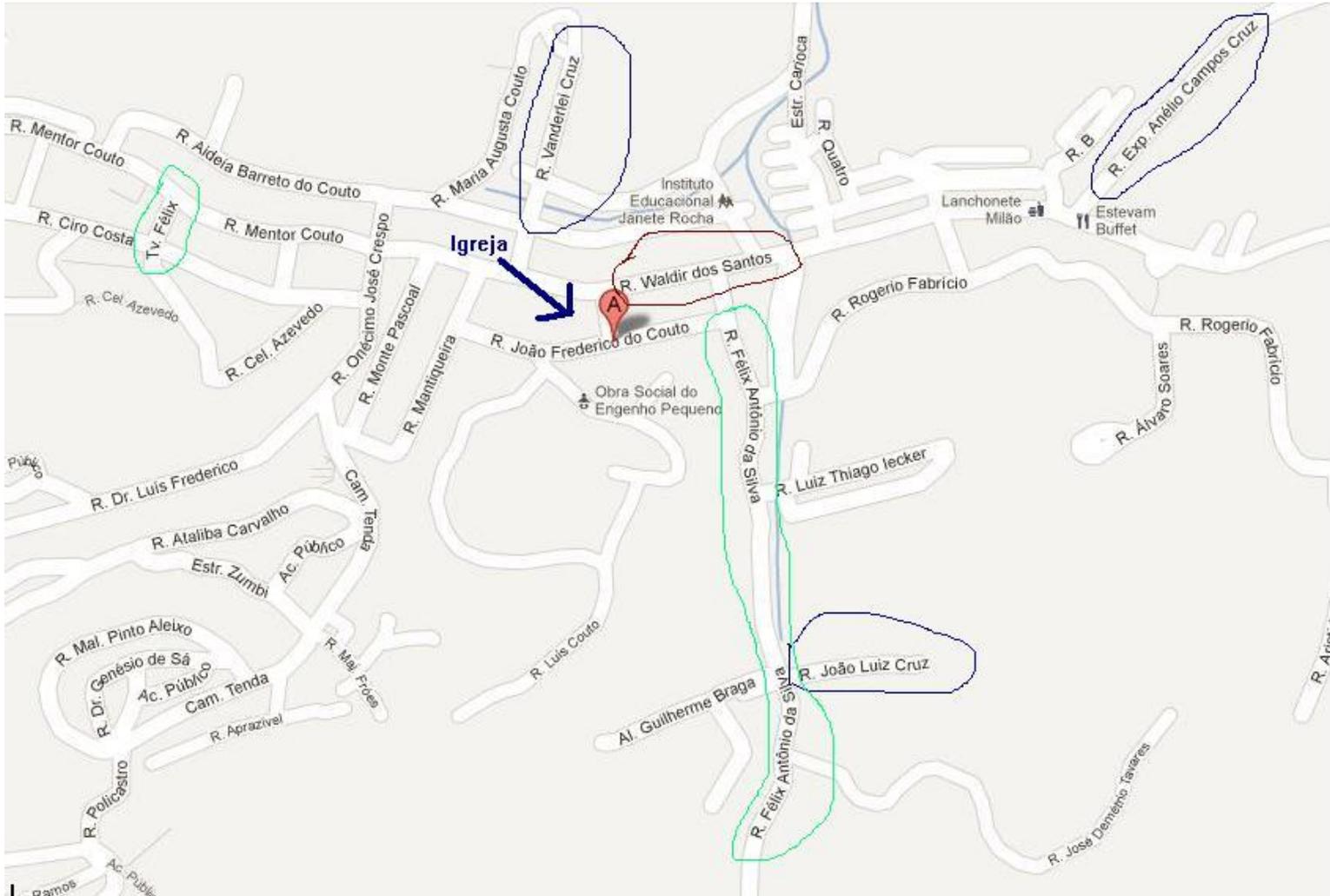
Não foram realizadas mais entrevistas no decorrer do segundo semestre de 2008. Buscava entender melhor o caminho a ser percorrido, através de leituras e orientações. Todavia, mesmo tendo decidido estruturar melhor o trabalho, na verdade não ficou parado o processo de investigação. Entendi isso quando, neste período, percebi que os encontros e conversas informais com pessoas do bairro que encontrava na Igreja, na rua, na casa, no

comércio, traziam sempre a história da “capelinha”. Muitas vezes os encontros, as conversas, que não tinham intenções, naquele momento, de ser uma entrevista, mas traziam muitos relatos interessantes, que não foram registrados como entrevistas, pois tinham sempre uma proposta de voltar ao assunto num outro dia a ser marcado. As conversas giravam em torno das recordações, e era sempre num clima de satisfação, de emoção, de “vamos continuar” e isso me motivava muito.

Uma dessas conversas aconteceu na casa de dona Marilene, filha do Sr. Felix Antonio da Silva, último morador do casarão da Fazenda Engenho Pequeno. Ela nasceu no casarão em 1938 e morou lá até 1955 quando se casou e mudou do casarão. No seu relato o seu padrinho Sr. João Luiz Gomes da Cruz<sup>1</sup> era o administrador das terras que restavam da Fazenda Engenho Pequeno, mas que não morava lá. O seu pai era o administrador do casarão e corretor das terras que estavam sendo loteadas, junto a Companhia Melhoramento de São Gonçalo. Quando falava da capelinha, tinha um carinho muito grande, a capelinha ficava ao lado da sua casa, fazia parte da sua residência, foi neste espaço que viveu toda a sua infância, recordava que gostava de estudar no interior dela, aproveitava o eco quando lia em voz alta as suas lições. Também contou que estudava no Colégio São Gonçalo e que muitas vezes fora de cavalo para a escola em função do lamaçal que ficava no caminho quando chovia. Logo em seguida contou que mesmo morando atualmente no bairro não gosta de passar próximo ao local que nasceu e viveu toda a sua infância até a juventude. Ela sente muito ao olhar e não mais ver o casarão, a capelinha, as árvores, toda aquela paisagem. Tudo é tão diferente, “*dá uma tristeza!*”.

---

<sup>1</sup> Existem ruas no bairro com o nome dos seus filhos. Ex. Wanderley Cruz.



Fonte – <http://maps.google.com.br/maps>

Hoje, da sua casa, vê-se os morros, que em seu contorno parecem com a letra “M”, é a única paisagem que restou das suas lembranças de menina quando ficava sentada na porta da cozinha do casarão. Para confirmar tal fato, me surpreende com uma foto de quando tinha cinco anos. A foto é tirada do lado direito do casarão com um ângulo que permite ver o morro de que falava. É uma foto que me impressionou muito, uma verdadeira raridade, mas que não tive autorização dela para levar e fazer uma cópia.

Durante todo o processo de investigação das memórias da “capelinha”, tive a oportunidade de entrar em contato com muitas pessoas do bairro. Esse contato gerou uma aproximação que provocou outros encontros em torno das recordações e a cada conversa, que não tinha mais a característica de entrevista, trazia sempre algo novo.

Um desses encontros ocorreu com D. Gilca, depois da conclusão da investigação. Porém, a informação trazida por ela me oportunizou voltar à casa de D. Marilene, onde havia uma pendência sobre algumas fotos.

D. Gilca, foi aluna da professora Marilene, que conforme seu relato era proprietária do colégio Nossa Senhora da Imaculada Conceição, uma escola no bairro. Elas têm uma relação de amizade até hoje. Aproveitando a oportunidade fizemos juntas, uma visita. Que momento extraordinário! Em decorrência do motivo da visita, a conversa girou em torno das lembranças e foram muitas as informações, mas que não serão aqui registradas. Entretanto, munida da máquina fotográfica consegui as fotos.

Ainda sobre a capelinha disse que os poucos moradores se reuniam lá para rezarem ladainhas.

Dona Marilene gosta muito de conversar, mas não se detinha nas recordações sobre o assunto do bairro. Saiu do casarão em 1955 e foi morar na casa que seu pai construiu distante do local onde era o casarão e a capelinha. Ela diz que o lugar é muito atrasado, com poucas mudanças e melhorias. Partindo dessa observação e retomando o texto “Memória, esquecimento, silêncio” de Michael Pollak (1989), a rememoração implica um processo de negociação entre o individual e o social, pelo qual identidades estejam permanentemente sendo construídas e reconstruídas, garantindo certa coesão entre o individual e o grupo, simultaneamente.

A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. (POLLAK, 1989, p.9)

Recordando Maurice Halbwachs, Pierre Nora distingue memória coletiva e história; pois enquanto existe uma história, existem muitas memórias.

A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (NORA, 1993. p.9).

Cada narrador conta uma história de diferentes formas, em uma construção subjetiva de tempo e de espaço, enfatizando diferentes detalhes. É possível compreender, a partir das recordações trazidas individualmente, tomando a história da “capelinha” com ponto de referência, que vários personagens são elencados como protagonistas. O grupo está presente nas recordações individuais, entretanto o relato tem suas particularidades, pois o sujeito o relata a partir do seu lugar, do seu ponto de vista, da sua experiência, ou seja, de um ângulo que só ele pode estar. Para dona Marilene o casarão e a “capelinha”, diferentemente dos outros, fazem parte de uma história particular, sua experiência enquanto família. Foi lá que viveu com seus familiares.

Quando refletimos sobre as lembranças de dona Marilene, podemos compreender, nas palavras de Ecléa Bosi, “... fixamos a casa com as dimensões que ela teve para nós e causa espanto a redução que sofre quando vamos revê-la com os olhos de adulto” (BOSI, 1979, p. 435). Dona Marilene tem dificuldade de voltar ao local e ver o espaço modificado e com outro destino. Não há mais, naquele local, a capelinha que esteve presente durante toda a sua infância.

a casa onde se desenvolveu uma criança é povoada de coisas também preciosas, que não têm preço. Nas lembranças pode aflorar a saudade de um objeto perdido de valor inestimável que, se fosse encontrado, traria de volta alguma qualidade da infância ou da juventude que se perdeu com ele. (BOSI, 1979, p. 442)

Como dona Marilene, muitas outras pessoas partilharam comigo parte de suas recordações da “capelinha”, trazendo a riqueza das suas particularidades.

## **2.2. O trabalho de memória, história e narração com adolescentes da Igreja Nossa Senhora da Conceição**

A partir da experiência de ter ouvido vários moradores, em sua maioria, os que participaram ou participam do grupo da comunidade católica do bairro, de ter presenciado a satisfação, a alegria com que faziam os seus relatos que o trabalho de pesquisa foi construindo outras trilhas. Assim, no início do primeiro semestre de 2009, compreendendo a importância da história oral como resgate das memórias, histórias e narrativas, resolvi realizar com o grupo de adolescentes da Igreja Nossa Senhora da Conceição, onde sou catequista e que tenho com eles encontros semanais, uma proposta de conhecer a história do bairro. Muito mais entusiasmada do que ainda preparada, dividi o grupo em três equipes; a primeira para conhecer a história da “capelinha”, a segunda para conhecer a história da Área de Preservação

Ambiental (APA), localizada no Engenho Pequeno e a terceira a história da Rua Valdir dos Santos (a rua principal do bairro). Não houve nenhum planejamento por escrito e nenhum roteiro para as entrevistas. Dentro da proposta pedi que encontrassem pessoas do bairro que pudessem contar suas histórias e que essas mesmas pessoas pudessem depois vir a Igreja falar para toda a turma. Além disso que também realizassem pesquisa na internet. O objetivo era mobilizá-los e motivá-los a conhecer um pouco da história do bairro. Mesmo sendo esse o objeto da minha pesquisa, a intenção era que eles pudessem ter acesso ao conhecimento, que tivessem com os moradores uma integração que despertasse para a história do bairro.

O trabalho foi interrompido, assim como as aulas na faculdade por graves problemas pessoais<sup>2</sup> e o retorno só foi possível no final de julho, foi quando tive o primeiro encontro com minha orientadora para apresentação do projeto. O encontro ocorreu num clima muito acolhedor, com esclarecimentos valiosos. Um sentimento de confiança que renovou minhas forças.

Retornando aos encontros com os adolescentes da Igreja, a adolescente Paola, que estava no grupo que pesquisava sobre a Rua Valdir dos Santos, contou que havia pedido ajuda a sua mãe para pesquisar na internet e não encontraram nada. Também a sua avó que trabalha na Escola Estadual do bairro procurou saber e não obteve nenhuma informação. Apesar dos contratempos e da falta de informação, considerei o interesse da adolescente como motivação para continuar neste caminho. Nessa ocasião já havia descoberto que o Sr. Valdir dos Santos, falecido em 1970, morou na casa ao lado da Escola. Então avisei a Paola que a esposa do Sr. Valdir ainda morava lá.

A sua avó entrou em contato com dona Vanilda (D.Nini), esposa do Sr. Valdir e ficou encantada com as histórias contadas por ela. Aproveitou para levar para a escola essa novidade, contando diretamente ao diretor.

Acompanhei os adolescentes na realização da entrevista que passou a fazer parte fundamental da pesquisa em desenvolvimento e, assim, junto com Gabriel e Jonatha, fomos a casa de D. Nini e sua irmã Tereza para marcarmos a entrevista sobre a história da “capelinha” e aproveitando para registrar também a história da Rua Valdir dos Santos. Elas escolheram realizar a entrevista na Igreja. O que achei oportuno para que todo o grupo pudesse participar.

O grupo foi convidado a participar da entrevista. Preparamos o roteiro de perguntas e combinamos que cada um faria uma pergunta às entrevistadas e que ficassem à vontade para fazer outras perguntas no decorrer da entrevista.

---

<sup>2</sup> Um problema de saúde do meu filho que sofreu uma intercorrência cirúrgica mal sucedida causando grandes transtornos durante quatro meses.

No dia combinado, 23 de julho de 2009, uma quinta feira chuvosa, numa sala da catequese da Igreja, o que não as impediu de comparecer, entrevistamos as irmãs Tereza Lemos dos Santos e Vanilda Lemos dos Santos (D. Nini). Ambas, moradoras do bairro Engenho Pequeno que tiveram uma participação efetiva e afetiva, juntamente com alguns moradores, nas atividades da capelinha de Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Participaram da entrevista os adolescentes Gabriel, Mateus Cavalcante, Mayara, Paola, Poliana e Ohana. Contamos também com a presença da senhora Lecy, moradora vizinha da Igreja desde 1969, que chegou bem depois de termos iniciado, mas que nos trouxe, também, suas contribuições.

Foram experiências ricas em detalhes e informações que deixaram de pertencer apenas a um grupo de três pessoas e que foi socializado entre nós, durante quase duas horas, experiências que contribuíram para produzir outro olhar sobre a história do bairro Engenho Pequeno, produzindo em nós novos conhecimentos.

Diferentemente quando um entrevistador está apenas com o seu entrevistado, a nossa entrevista tinha sete entrevistadores e três entrevistadas. Havia momento de muitas risadas, pequenas pausas de silêncio quando reviviam momentos de saudades daqueles que não estão mais conosco, divergências nas respostas que causava um pequeno tumulto, quando não se podiam entender as respostas pelas intervenções que uma fazia na resposta da outra. Os entrevistados conversando entre si se faziam perguntas que nós entrevistadores acatávamos e registrávamos. Mas tudo num clima de muita pulsão, de vida, de afetamento, de construção, de partilha.

Fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto enquanto ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir suas lembranças (BOSI, 1979, p. 38).

Elas que julgavam que haviam sido agentes da construção de uma história lá do passado, redescobrem que continuam fazendo história e nós, no momento presente, nos apropriávamos das raízes do passado, da sua história e nos reconhecemos também construtores.

Através da pergunta: por que a rua se chama Valdir dos Santos? Foi possível conhecer quem era Valdir dos Santos e a história da sua luta, juntamente com os outros moradores, para que o bairro tivesse as condições básicas necessárias para todos que ali viviam.

O bairro tem seus moradores oriundos, em sua maioria, de muitas migrações dos estados do nordeste, Minas Gerais, Espírito Santo e dos municípios do norte do estado do Rio

de Janeiro. Moradores que vieram em busca de uma vida melhor, de emprego trazendo na bagagem suas histórias, costumes, culturas e que, juntos com os que aqui se encontravam, construíram a história do bairro. As dificuldades eram muitas, o loteamento da Fazenda sem uma estrutura planejada para a formação do bairro acarretou muitos problemas.

Nos relatos das entrevistadas Vanilda e Tereza, é possível reconhecer como nos traz Santos (2002), os moradores que nas suas singularidades e no anonimato da história oficial, foram e os são construtores da história do bairro.

A história do lugar está compreendida entre as realidades da sua localidade, dos seus habitantes no tempo, como partes vivas, ativas e inseparáveis da história do mundo, nos seus aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais. Neste processo histórico é que as populações locais, no seu cotidiano constroem sua identidade, a partir das suas relações com o trabalho, a escola, a família, a vizinhança. (SANTOS, 2002, p.5-6)

Alguns trechos da entrevista revelam como Vanilda construiu uma interpretação dos principais eventos que envolveram a figura do seu marido, elegendo narrativas que se repetem.

*-Vanilda – “Eles diziam que Engenho Pequeno estava fora do mapa. A gente ia lá à reunião pedir coisas aqui pro bairro”.*

*-“No bairro? Tinha a Companhia de melhoramentos, ele fez muito melhoramento com os colegas. Conseguiram assim pela prefeitura alguns que o resto tudo era por conta deles mesmos, consertar a rua, pro carro o ônibus passar. Não tinha empresa aqui, a gente andava a pé até Santa Catarina (bairro vizinho), embaixo de chuva, de sol, com tudo, com cobra, com tudo.”*

*- “Ele lutou muito pelo bairro. Não foi só aqui na igreja não. Ele trabalhou tanto pela Igreja como pelo bairro. Ele não trabalhou só aqui na Igreja não. Ele trabalhou muito pelo bairro. Olha! tem luz, tem água, tem ônibus, tudo trabalho dele e dos colegas.”*

*- “O sonho dele era ter uma delegacia no bairro, ele tava trabalhando pra conseguir. Mas morreu, né?”.*

*- Tereza – “Foi através do esposo dela é que tem tudo aqui no bairro. Se não fosse ele não tinha nada”.*

O Sr. Valdir faleceu em 1970, depois desta data, Vanilda conta que deixou de participar de forma direta na organização das festas e relata a dedicação do marido nas festas da “capelinha”.

- *“eu deixei depois que ele morreu, vai fazer quarenta anos. Ele fazia bandeirinha pra enfeitar até lá embaixo. A gente era tão bobo que chovia lambia tudo. Aí a gente tornava a fazer de novo. Hoje em dia tem de plástico, né? Ele ficava tão nervoso. ‘Puxa nossa Senhora não quer essa festa não, lambeu as bandeirinhas todas!’ Aí botava as crianças pra fazer.. As crianças gostavam muito.”*

Neste relato ela vai nos permitindo identificar, a cumplicidade do casal e ambos com a comunidade entremeada pela cultura religiosa. Na construção da memória trabalhamos a concepção de que ela, depois do falecimento do marido, exerce através do tempo o papel de guardiã da memória, atuando como construtora da história de uma determinada época, num processo de permanente reelaboração no ato de narrar.

Foram encontros de fundamental importância para nos revelar os passos dados e de não deixar que essas pegadas desapareçam da memória coletiva. O que nos motivou a continuar pela trilha da recordação chegando a casa do Sr. Alfredo e D. Anízia.

O Sr. Alfredo<sup>3</sup> é bisavô do adolescente Mateus que esteve participando do nosso grupo por algum tempo. Quando ainda participava do grupo pedi que conversasse com o seu bisavô e marcasse um encontro para nossa entrevista, mas ele nos comunicou que o seu bisavô havia sofrido uma isquemia e não se recordava de mais nada, que não falava coisa com coisa. Imaginava ter perdido mais uma oportunidade. Algum tempo depois encontrei com a Glória, filha do Sr. Alfredo, ela confirmou o estado do pai, porém ao falar do trabalho que sua mãe tinha com ele, lembrei que sua mãe podia nos relatar suas recordações, pois assim como ele, estava nos trabalhos da capelinha. Aproveitei para deixar marcada a visita à casa do Sr. Alfredo e D. Anizia.

Para essa entrevista tive a companhia do Gabriel e do Jonatha. Fomos recebidos com muito carinho por D. Anizia, sua filha Glória e o Sr. Alfredo. Enquanto respondia nossas perguntas D. Anizia olhava para o Sr. Alfredo. Naquele momento exercia a função de narradora da história dos dois, entretanto, seu olhar solicitava dele a confirmação, ainda que soubesse da sua condição. E ele olhava atenciosamente em nossa direção com um sorriso confirmando a sua presença. No final da entrevista o Sr. Alfredo nos disse: *“Eu não me lembro mais de nada, estou doente. Só lembro que eu trabalhava muito, era dia e noite.”*

Uma das características importantes dos entrevistados é sua participação nos trabalhos da capelinha e depois na construção da Igreja. Eles se sentem responsáveis, se reconhecem protagonista da história, a capela foi palco de muitos encontros, muitas conversas que não só de religião, mas de política, de organização de festas, enfim da vida dos moradores do bairro.

---

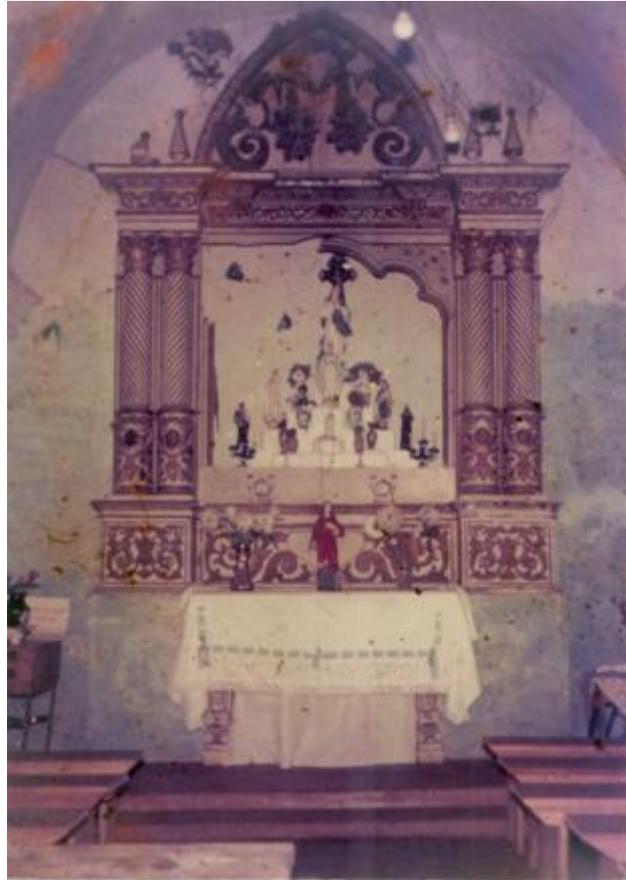
<sup>3</sup> O Sr. Alfredo faleceu em julho 2011

Anizia – *Ela era abandonada, né. Tuli meu velho aqui e minha filha aqui, todos. A gente aqui quem lutou muito por aquilo ali. Tinha pé de árvore em cima do cruzeiro. Cavalos vivia ali dentro, era abandono mesmo. O poste dos escravos que ainda tem aqui em casa. Tuli trouxe esse poste para aqui, ele vive esticado aqui no quintal. Era aonde prendia os escravos. É como a gente diz, a gente lutou muito por aquilo ali. Muito, muito. Então no dia quando vou a missa, eu me sinto coisa de como era aquela capelinha, e hoje em dia como é a Igreja. Isso é uma satisfação muito grande pra mim, pra ele. Muitas pessoas que trabalhou ali, muito, muito mesmo. Só resta eu e ele.*



*Imagem 1: O poste esticado no quintal do Sr. Alfredo  
Foto do arquivo pessoal de Maria dos Remédios Barbosa*

Dina – “*Eu fazia a limpeza do altar, porque eu era pequenina e era mais levinha, aí subia no altar que era de madeira. Então, neste período a chave ficava lá em casa. Os seminaristas dormiam nas casas de um, na casa de outro.*”



*Imagem 2 - Altar da Capelinha de Nossa Senhora da Imaculada Conceição  
Foto do arquivo pessoal de Maria dos Remédios Barbosa*

Tereza – “*Ela (Vanilda) escolheu o título de Nossa Senhora da Conceição, e ficou. Na época tinha várias, mas Nossa Senhora da Conceição que ela escolheu, aí, ficou*”

Vanilda – “*No mês de maio e dezembro todo, a gente fazia festa, a gente convidava os músicos do Henrique Lage, 25 músicos, a gente colocava procissão na rua, a gente fazia novena em latim. Sabe o que é latim, né? A língua italiana né? Então a gente botava a ladainha em latim.*”

A vida é uma construção constante e muitas são as histórias, quando nos abrimos a escutar vamos descobrindo uma riqueza imensurável trazida através da vida de cada um.

Margarida – “*Nessa época só tinha mato, nada mais, antes disso eles deram o terreno do colégio, a gente veio de Santa Catarina na inauguração da pedra fundamental, aí veio uma porção de gente, algumas pessoas que tinha por aí, porque os moradores eram muito pouco.*”

D. Margarida foi a última a ser entrevistada. Uma mulher que aos 83 anos se dizia esquecida de muita coisa, mas quando se deixou embalar pelas recordações nos presenteou com tantos detalhes da história do bairro. Em seus relatos a escola Estadual Luiza Honória do Prado é o lugar que está presente de uma forma intensa, o que é compreensivo, pois a escola fez parte da sua vida diária por trinta anos.

As primeiras perguntas foram sobre a capela, mas num determinado momento ela quer falar da escola e pergunta se pode. E outras perguntas foram surgindo conforme trazia as memórias da sua participação na construção da primeira escola estadual do bairro.

*Margarida - Tinha festas antes de começar a construir a Igreja, depois foram construindo, foi devagar, aí veio o padre Jorge, ... todo mundo trabalhando, tá bonita. E aí pode falar da escola?*

Foi prazeroso recordarmos as experiências partilhadas na escola, estar com ela, e ter tido a oportunidade de relembrar momentos tão bons da minha vivência naquela escola. Revendo a noção de lugar de memória a partir dos argumentos de Nora (1993), percebemos que esses lugares, a capelinha, a escola servem para garantir a fixação de lembranças e de sua propagação, pois estão impregnados de simbolismos que caracterizam experiências vividas pelos grupos.

Depois da experiência com as entrevistas e todo caminho percorrido durante este período, compreendo que trabalhar com as memórias coletivas e ter a oportunidade de deixá-las registradas não é só uma forma de preservar, também uma maneira de reconhecer que a história é vida, é movimento. E para tal movimento, recorro a Benjamim (1987) quando diz que a riqueza da narração oral não está apenas na voz de quem narra, mas na paciência de quem ouve. Portanto, a experiência narrativa é um chamado ao diálogo.

### **2.3. A gincana cultural**

Depois dos momentos já relatados que incluíram as conversas informais e as entrevistas realizadas com a participação dos adolescentes da igreja, as leituras realizadas me permitiram sistematizar uma proposta de gincana cultural desenvolvida com os adolescentes da Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Esses adolescentes participam do Grupo Jovem da Igreja e realizam seus encontros uma vez por semana, aos domingos.

Partindo dessa proposta e tomando como referência trabalho desenvolvido pelo *Núcleo Vozes da Educação – Memórias e Histórias das Escolas de São Gonçalo*, após contatos e aceitação por parte dos convidados, foi feita uma apresentação da gincana, na qual designamos como “Gincana cultural” com o tema “REMEMORAR E CONTAR A HISTÓRIA DO BAIRRO ENGENHO PEQUENO”.

E o primeiro dispositivo de ação e interlocução do Vozes com a comunidade acadêmica, e com as escolas da cidade foi a gincana “Sua memória vale uma história”, realizada na FFP, em novembro de 1996, com o objetivo de dar materialidade ao núcleo (nesse momento já cadastrado e nomeado junto aos setores institucionais da universidade) e construir o seu acervo inicial. Inicialmente pensado como dispositivo para a gincana de lançamento do Vozes na FFP, em 1996, o “mote” “Sua memória vale uma historia”, tornou-se um método no sentido de uma ferramenta de diálogo com às escolas da cidade, como um “Cartão de Visita” do Núcleo Vozes. (TAVARES, 2008)

Assim como a proposta desenvolvida pelo Núcleo Vozes, a gincana visou o levantamento de fontes documentais e depoimentos orais, envolvendo os estudantes na pesquisa. O trabalho com o grupo não ficou limitado apenas à história da capela, mas partiu da importância de conhecer a construção da história do bairro, através dos registros históricos e da história oral e nela reconhecer a memória também como instrumento dessa construção.

Para o nosso primeiro encontro, que ocorreu no dia 08 de maio de 2010, foi realizada uma breve informação histórica com a intenção de motivar e despertar a curiosidade, bem como o desejo de investigar e descobrir a história que ainda não foi contada. Ainda na apresentação foram colocadas as regras como as tarefas, a pontuação, o tempo e a premiação.

Usamos como estratégia para atingir o objetivo: a pesquisa através de fotos, jornais, internet, entrevista com moradores e catálogo dos locais públicos do bairro. Os adolescentes foram orientados a solicitar referências dos materiais.

De acordo com o planejamento nos preparamos para realização da gincana num período de cinco semanas, incluindo encontros para apresentação das tarefas e no término a proposta de construção de um mural com o material recolhido para apresentação em escola do bairro.

Cada um dos três grupos teve um aluno representante. No decorrer do período houve várias dificuldades apresentadas pelos representantes como: desinteresse dos participantes, problemas com encontros durante a semana, outras atividades do grupo, pessoas que não os recebiam bem, falta de tempo, etc. Todas essas dificuldades prejudicaram muito o andamento da gincana. As semanas combinadas foram se estendendo e nem todas as tarefas foram

cumpridas, o que resultou na impossibilidade da montagem do mural e apresentação na escola conforme o combinado.

Com a finalização da gincana, foram apresentados os seguintes resultados: Primeiro grupo – uma reportagem e uma foto. Segundo grupo – duas entrevistas e uma foto. Terceiro grupo – uma entrevista, uma foto e uma reportagem.

No processo dinâmico da gincana observou-se pouco envolvimento dos sujeitos o que nos faz pensar sobre as tantas informações recebidas todos os dias e a dificuldade em focar, escolher e apreender determinadas informações com aprofundamento que leve a construção do conhecimento.

Mesmo não atingindo totalmente os objetivos da gincana como a apresentação do mural na comunidade escolar, o trabalho, o caminho percorrido nos trouxe conhecimentos de algumas histórias importantes que vieram acrescentar as já recolhidas.

## **CAPÍTULO III:**

### **REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA NARRATIVA DA PESQUISA**

Entrando em contato com o narrador de Walter Benjamin, deparei-me com a questão da sobrevivência do ato de narrar em que o referido autor “grita” para a sociedade, do início do século XX, ecoando ainda hoje, sinalizando que a experiência de narrar está em via de extinção.

É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção.(...) é como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável. A faculdade de intercambiar experiências.(...) uma das causas desse fenômeno é óbvia: as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo(...) (BENJAMIM, 1985, p197)

Neste momento, vi aflorar as questões que me fizeram escolher as memórias da “capelinha” como objeto de estudo para minha pesquisa. E refletindo sobre o projeto inicial, pude perceber que, assim como Benjamin, constatava que “as ações da experiência da arte de narrar estavam em baixa, e que tudo indica que continuarão caindo.” Também foi com sentimento de ausência das oralidades das memórias da capelinha e de todas as experiências ali vividas com a comunidade, que estavam se distanciando, que algo se perdia, e por causa de tais preocupações que, desde tempos passados, desejava retomá-las, ainda que de forma simples, para que não fossem esquecidas.

O desejo de retomada, no primeiro momento, era de reviver através de fotos, que deveriam estar expostas, provocando conversas e rememorações através dos relatos das experiências vividas e compartilhadas, que de alguma forma estão registradas nas poucas imagens disponíveis, assim elas funcionariam como ponto de partida para trazer da memória muito outros registros. Os caminhos da pesquisa, entretanto, foram abrindo outras possibilidades de rememoração.

É interessante ainda apontar que a oralidade das memórias, as suas narrativas são questões que continuam me inquietando e, ainda hoje, constituem objeto de luta para que não sejam extintas.

Para compreender a inquietação pela ausência das narrativas, os sentimentos de perda e distanciamento, recorro ao conceito de memória individual e coletiva. Encontro nos estudos empreendidos por Maurice Halbwachs contribuições que como um foco de luz, clareiam, permitindo iniciar a trilha.

Para ele a memória mais particular sempre está ligada a um grupo e seus diferentes pontos de referência

... é impossível conceber o problema da evocação e da localização das lembranças se não tomarmos para ponto de aplicação os quadros sociais reais que servem de pontos de referência nesta reconstrução que chamamos memória. (HALBWACHS, 1990, p. 9 - 10)

Carregamos nossas lembranças que estão sempre interagindo com a sociedade, os grupos e instituições. A rememoração individual se faz na tessitura das memórias dos diferentes grupos com os quais nos relacionamos.

A capelinha em sua arquitetura, na sua construção trazia vestígios de memória desde tempos do Brasil colônia, como a obrigatoriedade da construção de uma capela, o orago de devoção escolhido pelo seu proprietário, pela realização das cerimônias religiosas, batizados, casamentos etc. Ela estava ali, um ponto de referência, que atravessou o cotidiano das várias gerações. Na década de 1960, ela deixa de ser uma capela de característica particular e vai ser palco onde ocorrem muitas experiências, frutos de diversos encontros dos moradores daquele bairro que estava nascendo no decurso de migrações de várias famílias, que ali tiveram momentos de luta para aquisição da capela como patrimônio religioso dos moradores, também de conversas, de devoção, de planejamento, de sonhos.

Hoje, não temos mais a capelinha de pedra, a sua arquitetura original. Ela se encontra nas pouquíssimas fotos, porém, está viva nas lembranças, nas diversas memórias de alguns dos seus moradores, percebemos a multiplicidade das experiências que é nossa. Maurice Halbwachs denomina “comunidade afetiva” esse emaranhado de experiências. O autor ainda nos diz que dificilmente nos lembramos fora desse quadro de referência.

e que haja bastantes pontos de contato entre uma e a outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. (HALBWACHS, 1990, p.34)

Nas narrações dos moradores percebe-se o atravessamento das experiências, sem deixar de respeitar a singularidade e lugar de cada um, onde lhe é permitido ver e experimentar a partir de um ângulo que vai caracterizar o seu ponto de vista. Por isso, tanto na construção da memória quanto na rememoração o outro tem em nossas lembranças um papel fundamental, “não podemos pensar nada, não podemos pensar em nós mesmos, senão pelos outros e para os outros...” (p.21)

*Vanilda (Nini) – A gente só não perdeu esse terreno porque eu corri atrás, né. Eles têm o tempo, porque se não fizer nada eles tomam, aí vai pra companhia de novo. Aí corri e pedi ao Seu Alfredo pra fazer dois cômodos.*

*Margarida - Isso tudo era bem dizer tudo mato, a fazenda, só. Mas depois eles lotearam, quando eles lotearam e deram aquela parte ali, né. Foi que aquele pessoal... como ali o Valdir e Nini falam... Porque os primeiros moradores daqui, fui eu, desta travessa, e o primeiro foi o sogro delas, elas não moravam porque eram solteiras. Depois casou. Ele morava ali naquela casa.*

Nossas lembranças estão sempre se alimentando das várias memórias que são frutos de experiências que nos tocam, que nos acontecem e que são oferecidas pelo grupo do qual nos cerca. A memória coletiva fala de uma relação com o outro que “... nos atravessa, nos toca, nos tomba” (LARROSA, 2002).

Dentro do movimento das entrevistas, me encontrava numa posição de pertencimento, de identidade com as histórias narradas pelos entrevistados, lembranças de experiências vividas que também, por mim, foram atravessadas, tocadas e transformadas.

Ouvindo as narrativas, elas cruzavam-se com as minhas lembranças e ali também revivia a minha história, foram momentos intensos vividos tanto por mim quanto pelos entrevistados. Experimentamos algo novo, sentíamos algo em comum e que nos aproximava. Houve partilha, troca, o passado estava presente, possibilitando novas histórias. O ato de narrar é um ato de possibilitar novas histórias. E foi o que ocorreu na experiência da pesquisa.

A possibilidade das narrações de cada participante sobre suas histórias de vida, permite que as pessoas saiam do isolamento e comecem a desenvolver formas de convivências mais solidárias, podendo, juntos, refletir sobre trajetórias do passado, resignificando-o através de novos olhares, permitindo compreender o presente e olhar para futuro numa perspectiva de uma construção que está acontecendo agora. Assim como o presente foi gestado no passado, o futuro está sendo gestado no presente.

No percurso das entrevistas alguns deles se disseram entristecidos, pois muitos frequentadores da Igreja que foi construída no lugar da capelinha, não conhecem a história da “capelinha”, que não há mais conversa, nem na própria família, que os tempos são outros.

Essa e outras narrações inquietaram, produziram reflexões e movimento para que as histórias contadas sobre a capelinha viessem a ser conhecidas por mais pessoas. Desse modo, após o término da gincana cultural foi organizada, a partir das narrativas e da coletas de material, como fotos, uma apresentação à comunidade da Igreja. Nesta apresentação foi contada a história da “capelinha” desde quando ela foi encontrada totalmente abandonada por

Vanilda, Teresa e outros moradores, que, tomando posse, iniciaram o processo de evangelização. Ainda na apresentação tivemos a alegria de ter presente dona Teresa e outros moradores que se reconheceram protagonistas dessa história e ao final da apresentação toda a comunidade agradecida parabenizou estas pessoas.

A seguir as falas utilizadas para a iniciação da apresentação.

*Qual a primeira lembrança da capela quando a Senhora a viu pela primeira vez?*

*Vanilda – “ Quando eu vi a capela? Com os animais dentro.”*

*Tereza – “Abandonada, abandonada.”*

*Vanilda – “Porque nós invadimos. Meu marido, Valdir dos Santos e os colegas invadiram isso aqui.*

Quando abordarmos a vida delas, das suas histórias, não estamos só falando do passado ou do presente, mas também do futuro. É difícil não tomarmos consciência da transformação positiva que intervêm na evolução da sua existencialidade. Como dizia Santo Agostinho, a memória é o presente do passado.

E estes três tempos estão na mente e não os vejo em outro lugar. O presente do passado é a memória. O presente do presente é a visão. O presente do futuro é a espera. (SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 323).

A apresentação provocou muitos comentários, o reconhecimento daquelas pessoas, outros relatos e também interesse para novos trabalhos, abriram-se possibilidades.

Vivemos num mundo em que as existências estão fragilizadas e atingidas por um cotidiano mundialmente marcado pelo mercado de consumo e aceleração de informações, não temos tempo! Pierre Nora nos diz que há a necessidade de locais de memória, já que não se tem mais meios de memória. Fala ainda, do fim das sociedades-memória,

...como todas aquelas que asseguravam a conversação e a transmissão dos valores, igreja ou escola, família ou estado. Fim das ideologias memórias, como todas aquelas que asseguravam a passagem regular do passado para o futuro, ou indicavam o que se deveria reter do passado para preparar o futuro; quer se trate da reação do progresso ou mesmo da revolução. (NORA,1993, p.8)

Nos dias atuais vivemos muitas coisas num tempo muito curto, entretanto, muitas coisas vividas não são experimentadas e quase nada nos acontece. "(...) *nunca se passaram*

*tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara*" (LARROSA, 2002). O presente distanciado do passado, um presente longo demais, porém sem tempo e nem lugar para o passado. Tal presente acelerado precisa agarrar-se em raízes, para que não seja arrastado destruindo todas as pegadas e as marcas deixadas, na perspectiva de contribuição para novos caminhos a serem percorridos. Explicitando o fenômeno da aceleração, Pierre Nora descreve que:

Aceleração: o que o fenômeno acaba de nos revelar bruscamente, é toda a distancia entre memória verdadeira, social, intocada aquela cujas sociedades ditas primitivas ou arcaicas, representaram o modelo e guardaram consigo o segredo – e a historia que é o que nossas sociedades condenadas ao esquecimento fazem do passado, porque levadas pela mudança. Entre uma memória integrada, ditatorial e inconsciente de si mesma, organizadora e toda poderosa, espontaneamente atualizadora, uma memória sem passado que reconduz eternamente a herança, conduzindo o antigamente dos ancestrais ao tempo indiferenciado dos heróis, das origens e do mito – e a nossa, que só é historia, vestígio e trilha. Distância que só se aprofundou à medida em que os homens foram reconhecendo como seu um poder e mesmo um dever de mudança, sobretudo a partir dos tempos modernos. Distância que chega hoje num ponto convulsivo. (NORA, 1993, p. 8)

A linguagem é um instrumento de socialização, conforme nos afirma Ecléa Bosi (1984). As trocas que ocorrem entre os membros de um grupo se fazem por meio de linguagem, falar aproxima as pessoas e as coloca num lugar comum, são experiências que produzem prazer. Mas estamos em tempos de solidão condenada pela nossa individualidade e o mundo próprio que construímos para nos mesmos, ao mesmo tempo de informações excessivas, não é possível dar atenção a tudo, ficamos com partes de conteúdos sem chegar à integração do conhecimento.

Quando escutava os moradores, cada relato remetia a fatos ocorridos na interação com o outro, no fazer, no sentir construtor, hoje alguns deles se colocam como rejeitados, impotentes, como se não estivessem ainda construindo.

Quando lhes perguntamos sobre o passado, nos colocamos na posição de pessoas que se interessam por eles e querem partilhar suas experiências. A memória é um trabalho e nos momentos em que estão relatando, como nos afirma Ecléa Bosi, eles estão trabalhando. Como atividade, eles refazem o passado segundo aquilo que se impõe no presente de quem rememora, ressignificando as noções de tempo e espaço e selecionando o que vai contar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando a trilha percorrida para contar as memórias da “capelinha”, deparo com a questão que de fato me mobilizou, **a narração oral**, fundamental para a formação do sujeito. Ela estava presente por detrás do desejo de coletar fotos. Para além das fotos estava o desejo de narrar, de contar e ouvir as histórias das experiências vivenciadas naquele local. Encontrar na rememoração o valor da palavra em que o passado é resgatado do seu esquecimento e do silêncio. Quando se perde o passado se perde também o futuro.

Nesta direção e seguindo a trilha da pesquisa, busquei compreender através da concepção de alguns autores a questão da memória e a importância da prática narrativa no processo de conhecimento das histórias locais.

A primeira indagação é para o sociólogo Maurice Halbwachs (1990). E sobre memória coletiva ou social ele afirma que ela não é um fenômeno em que o indivíduo interioriza suas recordações sem que o seja afetado pela construção social e coletiva. A memória é em parte formada pela família e pelos grupos sociais. Cada indivíduo participa de muitos grupos, cada qual com a sua memória que também trazem a sua memória coletiva.

Assim, a memória é a possibilidade de recolocação das situações escondidas que habitam na sociedade profunda, na sensibilidade. Por intermédio das entrevistas foi possível conhecer um pouco da história do Sr. Valdir dos Santos e compreender o porquê da escolha do seu nome para a Rua principal o bairro. Conforme nos conta sua esposa, ele foi um homem que muito lutou na conquista de melhorias para o bairro e de tantas outras histórias.

Seguindo pelo caminho do fenômeno em que o indivíduo é afetado pela construção social e coletiva, busco compreender a importância da história local, perpassando pelas narrativas. Para tal nos fala o historiador Santos (2002) da identidade, que ao mesmo tempo nasce no cotidiano de suas vidas, está presente no local e na atividade em que trabalham, no lar e na família, na escola, na vizinhança e na rua onde residem. Está presente nos hábitos, nos costumes e nas relações que as pessoas mantêm entre si e como indivíduos, no lugar onde vivem.

Em Larrosa (2002) compreendo o processo de construção da identidade a partir da experiência. A experiência que transforma e vai construindo o sujeito, sujeitos esses inseridos em grupos e localidades.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas

coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. (LARROSA, 2002, p.21)

Relendo o trajeto percorrido com as entrevistas e as próprias entrevistas reconheço as contribuições que tive das teorias dos autores acima para compreender que a preocupação de Benjamim (1985) sobre a extinção do ato de narrar é uma preocupação que se estende até a nossa atualidade, portanto é nossa.

Quando parti para o trabalho com a Gincana Cultural o meu público mudou, deixou de ser aqueles que tiveram a “capelinha” como local de referência, o bairro no início da sua construção, enfim os idosos. O público passou a ser os adolescentes e jovens que vivem no mesmo espaço, porém com suas modificações.

Quando preparava a gincana estava fortemente tocada pela experiência do contato com as narrativas daqueles sujeitos e conseqüentemente fiz muita expectativa diante da proposta da gincana que era de “REMEMORAR E CONTAR A HISTÓRIA DO BAIRRO ENGENHO PEQUENO”. O sentimento de “decepção” com o pouco envolvimento daqueles adolescentes e jovens, hoje é compreendido através do diálogo e reflexões com as contribuições de Larrosa sobre informações e Nora sobre a aceleração.

O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça. (LARROSA, 2002, p.22)

Aceleração da história. Para além da metáfora, é preciso ter a noção do que a expressão significa: uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida – uma ruptura de equilíbrio. O arrancar do que ainda sobrou de vivido no calor da tradição, no mutismo do costume, na repetição do ancestral, sob o impulso de um sentimento histórico profundo. A ascensão à consciência de si mesmo sob o signo de terminado, o fim de alguma coisa desde sempre começada. Fala-se tanto de memória porque ela não existe mais. (NORA, 1993, 7).

Estamos vivendo numa sociedade tencionada entre grupos que não mais narram suas histórias e grupos que não conhecem as memórias/histórias daqueles que estão ao seu lado, pelo excesso de informação que vem provocando uma aceleração no tempo impedindo tais grupos de encontrar-se, dialogar e principalmente de experimentar.

A partir dessa questão, penso na escola, na possibilidade de professores e alunos refletirem sobre as histórias construídas em sua localidade. Pelos grupos com os quais estão integrados, partindo do conhecimento da história local, através dos registros e também das histórias orais, que venham contribuir para o diálogo e encontros, favorecendo a compreensão das práticas cotidianas e relacionando-as com a sociedade num âmbito maior. E associado a esse conhecimento permitir ao aluno compreender concretamente a realidade e a história que o envolve para que nela identifique sua vida como parte viva e ativa na sua construção.

Tenho nessa experiência uma questão que inicia, mas que não termina. Denunciar como Benjamim e anunciar como Paulo Freire (1982, p.7) com esperança, sonhos e utopias.

A questão dos sonhos possíveis, repito, tem a ver com a educação libertadora enquanto prática utópica. Mas não utópica no sentido do irrealizável; não utópica no sentido de quem discursa sobre o impossível, sobre os sonhos impossíveis. Utópico no sentido de que é esta uma prática que vive a unidade dialética, dinâmica, entre a denúncia e o anúncio...

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. Só de maneira imprópria se fala de passado, presente e futuro. In: AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Livro XI. São Paulo: Paulus, 1984.
- BENJAMIM, Walter. O Narrador - Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIM, Walter. *Obras Escolhidas: Magia, Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002, p. 20-28.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRAGA, Maria N.C. *O Município de São Gonçalo e sua história*. LOCAL: Falcão, 1998.
- BRAGANÇA, Inês F. S. *Histórias de vida e formação de professores/as: diálogos entre Brasil e Portugal*. Évora, Portugal, Tese de Doutorado, 2009, pág. 107-158; 262-299.
- \_\_\_\_\_. Formação Docente, Prática de Ensino e Memórias das Escolas. *Espaços da Escola (UNIJUÍ)*. , v.18, p.13 - 22, 2008.
- \_\_\_\_\_. Escola de ensino fundamental: lugar de memória(s) - docência, memória e formação contínua. In: FLORES, Maria Assunção; VIANA, Isabel Carvalho (ORG.). *Profissionalismo docente em transição: as identidades dos professores em tempos de mudança*. Braga: Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho, 2007, p. 237-249.
- \_\_\_\_\_. Memórias e Práticas Instituintes na Escola. *A Página da Educação*, Portugal, ano 15, nº. 153, p.42, 2006. Disponível: <http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=4425>
- FREIRE, Paulo. Educação: um sonho possível. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O Educador: vida e morte*. LOCAL: EDITORA, 1982.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- MOLINA, E.; SILVA S. M. *São Gonçalo no Século XVII*. Coleção Memor. Rio de Janeiro; Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1996.
- MOLINA, E.; SILVA S. M. *São Gonçalo no século XVIII*. São Gonçalo. Ed. Muiraquitã, 1998.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1994.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: *Revista de Pesquisa Histórica*, São Paulo, n. 10, p. 1-178, dezembro, 1993.

PEREZ, Carmem Lúcia Vidal; TAVARES, Maria Tereza Goudard, ARAÚJO, Mairce da Silva. Memórias e Patrimônios: Experiências em formação de professores. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2009.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, 2(3), 3-15, 1989.

SANTOS, Joaquim Justino Moura dos. História do Lugar: um método de ensino e pesquisa para as escolas de nível médio e fundamental. SANTOS, Joaquim Justino Moura dos. In: *História, Ciências, Saúde*. Manginhos: Rio de Janeiro, vol. 9 (1): jan/abr, 2002.

SILVA, Helenice Rodrigues. Rememoração. Comemoração: as utilizações sociais da memória. *Rev. Bras. Hist.*, vol.22, no.44, São Paulo, 2002.

TAVARES, Maria Tereza Goudard. Percursos e Movimentos: dez anos do Vozes da Educação em São Gonçalo. In: BRAGANÇA, I. F. S., ARAÚJO, M. S., ALVARENGA, M. S. e MAURÍCIO, L. V. (Ed.), *Vozes da Educação: Memórias, Histórias e Formação de Professores*. Petrópolis: DP et alii, 2088.

## APÊNDICE A - CONTRATO DE TRABALHO

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ**

**FFP – Faculdade de Formação de Professores**

**ORIENTADORA: Inês Ferreira de Souza Bragança**

**ALUNA: Maria Dos Remédios Barbosa**

Eu, \_\_\_\_\_, portador de identidade nº. \_\_\_\_\_, declaro para os devidos fins que cedo os direitos das entrevistas biográficas realizadas no contexto da investigação intitulada “Memórias da Capelinha Nossa Senhora da Imaculada Conceição”, para a pesquisadora do curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Matrícula nº. 2006.2.05571.11, com objetivo de sua utilização, integralmente ou em partes, sem restrições de prazos, para sua monografia, bem como em trabalhos acadêmicos de natureza essencialmente pedagógica, de formação e pesquisa, incluindo comunicações orais e/ou publicações.

---

Assinatura

São Gonçalo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011.

## APÊNDICE B- TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

1ª Entrevista realizada na residência da Sra. Erovaltina (Dina)

Data: 19/07/2008

Local: Residência da Sra. Erovaltina

### Transcrição na íntegra da 1ª entrevista:

Participaram comigo na entrevista: Rafael e sua mãe Creuzenir e a adolescente Lorena.

*Entrevistadora:* Conta-nos o que se recorda da “capelinha”?

*Erovaltina* - Primeiro quando eu era muito pequena, minha mãe levava a gente... que quando alguém falecia, D. Nini e a Tereza juntava aquela turma para fazer a ladainha, igual no interior mesmo. Naquele tempo a gente... hoje, a gente reza pelos mortos dentro da nossa casa, mas antigamente as pessoas tinham preconceito, achava que a alma ir vir né. Não rezava pelos mortos dentro da nossa casa. Então, quando falecia alguém a D. Nini, ela ia fazer a ladainha em latim (risos) “Kirie elesion” Então, a gente desde pequena, a gente já aprendia assim, era a ladainha. Isso era o começo né. Aí, depois... bem, nisso a Igreja era fechada só abria pra ladainha. Agora com quem a chave ficava naquele tempo eu não lembro se ainda era a dona...né, então essa parte aí eu não sei informar quem tomava conta.

A catequese começou ali com D. Catarina, uma senhora que eu acho que era mineira, ela ensinava a gente aquele catecismo antigo. Sois cristão? Sim, sou cristão pela graça de Deus. Aquelas coisas toda decorada né. E não tinha padre, o padre era o Padre Menceslau que era da Igreja Nossa Senhora de Fátima e de Santa Catarina. Só vinha celebrar missa na festa de Nossa Senhora da Conceição. Então, essa D. Catarina, ela dava aula a gente. Ensinava o Credo, o Pai Nosso e a Ave Maria, as coisas básicas, porque há tempos atrás a gente não manuseava a bíblia, a gente não aprendia, só decorava mesmo. Aí, ela foi indo... e depois padre Dircélio né, que ele passou a celebrar a missa também uma vez no ano. Porque até antes era só padre Menceslau.

A chave da capela ficou passando... Então, quando o padre saiu daqui... O padre Menceslau fez o seminário né. Então, eu acho que a chave ficou entregue ao padre Dircélio.

Quem ficou sendo catequista depois... porque uma ensinava a outra, começou com D. Catarina, ela ensinava e a gente ia passando a frente. Aí, ficou minha irmã Erotildes com a falecida Neuza, ela tentou suicídio, suicidou-se por causa de traição. Aí era minha irmã, quando ela não podia...

Eu fazia a limpeza do altar, porque eu era pequenininha e era mais levinha, aí subia no altar que era de madeira.

Então, neste período a chave ficava lá em casa. Os seminaristas dormiam nas casas de um, na casa de outro.

Quando o seu Felix saiu da fazenda entrou uma senhora chamada Maria Navalha, que essa você já ouviu falar, né? Então, a gente enfrentava muitas vezes, porque ela bebia muito, mas a gente continuava nossa festa, nossa catequese. Era festa de nossa Senhora da Conceição e vinha muita gente de longe, era procissão mesmo, era a mais bonita que tinha, igual a do interior mesmo.

E os primeiros... alguns eu lembro o nome, seu Eusébio, seu Valdir dos Santos. Que quando estava com muito capim no nosso caminho, eles capinavam, colocavam luz. O seu Bila. Tem mais, mas eu não me lembro.

Da catequese foi assim: depois do falecimento da Neuza ficou a irmã dela a Marlene, e aí a minha irmã já estava trabalhando, aí eu fiquei indo com a Marlene. Nunca ninguém ia só. Uma porção aqui do Engenho Pequeno foi catequizado por nós. Depois surgiu as mudanças que acontece em todas as Igrejas.

Depois veio a irmã Lídia, também tomou parte. Eram coisas muito engraçadas, aquelas fofquinhas que acontecia... Depois a chave não tava mais na posse da minha mãe, tava com D. Valdete. Aí ficou D. Valdete com seu Alfredo, puxando aquele carrinho de instrumento, que levava pra casa dela. Ora, a gente precisava, não estava na casa de D. Valdete, tava na casa de seu Alfredo.

Tinha festas juninas e festa de Nossa Senhora. Eu participava do grupo jovem Maranata do Barro Vermelho com o Reginel, que na época estava fazendo faculdade. Aí, eu trazia as novidades pra cá. Foi difícil crescer a nossa Igreja. Só cresceu depois com o padre Dircélio.

Naquela época o Engenho Pequeno tinha um comércio do Pedro Raposo. Era um armazém e do outro lado uma padaria.

O que tinha aqui que era o seu João da horta, que tinha um pedaço enorme... que era uma horta. A casa de D. Ermenegilda. A nossa casa ficava nos fundos. (esqueci).

O casarão era de dois andares.

**Lorena:** Você sente falta da capelinha?

**Erovaltina** - Claro que sinto, foi ali que eu conheci Jesus, mesmo já sabendo com a minha mãe. Aliás, a gente conhece muito antes, porque a minha mãe era de Igreja. Não com o conhecimento que a gente tem hoje. Ela aprendeu com a minha vó, que era filha de escrava com senhores. Então, minha mãe aprendeu do jeito dela, mas era fervorosa na fé. Aí nós aprendemos. Ela botava a gente naquela responsabilidade de aprender mais. Então o maior conhecimento foi aqui naquela capelinha. Eu tinha uma foto, mas emprestei e a pessoa perdeu. Então fiquei triste, porque era uma lembrança.

**Entrevistadora** - Obrigada por nos ter recebido e por todas as informações que nos deu.

**Erovaltina** – Tem muito mais, daria pra escrever um livro.

2ª Entrevista

Data: 23/07/2009

Local: Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição

### **Transcrição na íntegra da 2ª entrevista:**

Em 23 de julho de 2009, uma quinta feira chuvosa, numa sala da catequese da Igreja, entrevistamos as irmãs Vanilda Lemos dos Santos (D. Nini) e, Tereza Lemos dos Santos moradoras do bairro Engenho Pequeno que tiveram uma participação efetiva nas atividades, juntamente com alguns moradores, da vida da capelinha de Nossa Senhora da Imaculada Conceição.

Participaram da entrevista os adolescentes: Gabriel, Mateus Cavalcante, Mayara, Paola, Poliana e Ohana.

**Entrevistadora:** Quando iniciou sua relação com a capelinha?

**Vanilda** – Eu não tenho nem noção, porque eu fazia festa ali. Aí antes de 62. Pra poder conservar o terreno né, fazia festa pra ocupar o terreno também né.

**Tereza** – “Porque tinha a capelinha do lado.”

**Vanilda** – Porque nós invadimos. Meu marido (Sr. Valdir dos Santos) e os colegas invadiram isso aqui. Meu pai era aposentado né, não tinha nada pra fazer em casa. (risos) Quer dizer então... ia pro buteco né, encher o fole.

**Tereza** – Ali saía muita coisa.

**Vanilda** – Ali saía de tudo, ele convidou as pessoas né, pra vim, aí invadiu aqui na igreja.

**Gabriel:** Qual a primeira lembrança da capela quando a Senhora a viu pela primeira vez?

**Vanilda** – Quando eu vi a capela? Com os animais dentro.

**Tereza** – Abandonada, abandonada.

**Vanilda** – Abandonada, cheia de teia de aranha que só vendo. Abandonada, sabe como é um prédio abandonado? Prediozinho abandonado e grande também.

**Tereza** – Tinha a capelinha que ela tá falando e tinha a fazenda. Era um casarão enorme que tinha aqui.

**Vanilda** – O casarão ocupava tudo isso aqui.

**Tereza** – Era imensa, imensa, lembro do casarão, o chão era de tábua, não é aqueles quadrados assim não, era tábuas enorme, grandonas, parecia até de marfim. Mas a mulher que morava aqui... (Por varias vezes a Sra. Vanilda interrompia e a Sra. Tereza parava de falar)

**Vanilda** – Era tijolo mesmo, Tereza.

**Tereza** – Não! O chão? Era tábua mesmo, tenho certeza absoluta. Tábua corrida assim, clara, clara, bem clarinha, era daqui lá naquele muro ou mais, era imensa a sala. Então, essa senhora que vivia aqui, era uma mulher muito limpa, você se via no chão, a madeira reluzia. Eu alcancei tudo isso.

**Vanilda** – Era muito grande.

**Poliana:** Quem era essa mulher?

**Tereza** – Maria navalha. Todo mundo sabia....

**Vanilda** – Porque tava abandonada a fazenda.

**Tereza** – Ela dormia aqui.

**Vanilda** – Mais um dia as mães encontraram morta. Ela bebia, bebia muito. Tocaram fogo nela na porta da Igreja.

**Tereza** – Primeiro ela morreu, acharam ela morta. Ela era magrinha, magrinha.

**Vanilda** – Era tudo velho né. As pessoas não pegavam as imagens porque tinham medo dos escravos irem pegar. (risos)

**Tereza** – Voltar do cemitério. (risos)

**Vanilda** – Tinha São Benedito, tinha nossa Senhora de Fátima, tinha nossa Senhora da Conceição também, tinha outras imagens, agora eu não me lembro não. Tinha Santa Rita de Cássia.

**Tereza** – Ela (Vanilda) escolheu o título de nossa Senhora da Conceição e ficou. Na época né, tinha várias, mas Nossa Senhora da Conceição que ela escolheu, aí ficou.

**Ohana** - Tem quantos anos e que ano o Sr. Valdir dos Santos morreu?

**Vanilda** – Olha, vai fazer 39 anos, foi em 1970.

**Ohana** - O que ele fazia?

**Vanilda** – No bairro? Tinha a Companhia de melhoramentos, ele fez muito melhoramento com os colegas. Conseguiram assim pela prefeitura né, alguns né, que o resto tudo era por conta deles mesmos, consertar a rua, pro carro o ônibus passar. Não tinha empresa aqui, a gente andava a pé até Santa Catarina (bairro vizinho), embaixo de chuva, de sol, com tudo, com cobra, com tudo.

**Tereza** – Era caminho lá vai um. Sabe o que é caminho lá vai um? Num sabe? Com matagal de um lado e do outro.

**Vanilda** – Tinha a galeria ali, a gente passava com água no pescoço.

**Tereza** – Quando tinha enchente...

**Vanilda** – Quando tinha enchente. Num tem aquele ali, o mercado ali, aquilo ali era um rio que passava por ali, né. Agora não dá mais para comer, né, tá tudo poluído né, já teve muito. Tomava banho, lavava louça.

**Tereza** – Sabe o que significa caminho lá vai um?

**Vanilda** – Um atrás do outro

**Tereza** – O caminho era estreitinho, do lado tudo era matagal. Então, era caminho lá vai um.

**Vanilda** – Era dois palmo o caminho.

**Tereza** – Era assim, tudo era matagal.

Neste momento chega a Sra. Leci. (mora ao lado da Igreja) Senta e fala que conheceu a capela.

**Vanilda** – Capelinha dos escravos, dos mordomos que rezavam né. Chicoteavam os escravos depois iam rezar.

**Lecy** – Cheguei aqui em 1969. Elmo, meu filho, tinha três anos.

**Vanilda** – 69? Então, muito depois de mim né.

**Lecy** – A senhora chegou antes de mim.

**Tereza** – Eu vim pra aqui com 12 anos, estou com 71.

**Vanilda** – (pergunta a Lecy) A sra conheceu Maria navalha?

**Lecy** – Eu conhecia ela, ela andava por aí, ela bebia, dormia aqui dentro.

**Vanilda** – Era magra, uma escura.

**Vanilda** - No mês de maio e dezembro todo, a gente fazia festa né, a gente convidava os músicos do Henrique Lage, 25 músicos, a gente colocava procissão na rua, a gente fazia novena em latim. Sabe o que é latim né? A língua italiana né. Então a gente botava a ladainha em latim.

**Tereza** – A ladainha era cantada.

**Vanilda** – No final do mês de maio, seria a coroação de nossa senhora e procissão. A gente ia de procissão até o Barro vermelho (bairro vizinho) de pé hem! Sabe que procissão não pode ser de carreata. Então a gente ia de pé. Soltando fogos daqui até lá. Meu marido...era a loucura dele né, tá na frente soltando fogos (risos) né, era um desespero. Meu Deus! Arrumava as crianças todinha, muita criança de..., todo mundo de lanterninha, uma de cada cor, que eu fazia, né, vestia os anjos de asas, que hoje em dia não se bota asas nos anjos. Não se bota porque não quer, porque se vende pronta. E todo mundo cantando daqui até lá fora, né, ai a gente voltava, mais ia muita gente, muita gente mesmo, isso aqui era muito frequentado, só

com a capelinha hem!. Era muito frequentado, isso aqui tinha duas alturas, ficava tanto cheio em baixo quanto em cima.

**Tereza** – A frente da capela era para a rua principal. Era lá, essa Igreja era pra ter a frente pra cá, ó, foi pra lá, pro mato. Não sei como esse pessoal na época não...”

**Vanilda** - No mês de dezembro, tinha festa, tinha novena, eu batia o..., vinha, subia as seis horas da tarde, batia o sino pra chamar as pessoas, não tinha luz, a luz era gato, pra não mexer naquele negócio da chave né, tinha medo, mas tinha que fazer, o meu marido chegava bem tarde da noite. Eu tinha que fazer tudo né. Aí, depois tinha a procissão também até lá fora. Aí alugava de novo o Henrique Lage também, né. Não era moleza não. Arrumava o coreto ali, sabe o que é coreto né?

**Lecy** – Palanque.

**Vanilda** – Mas tocava muito né, tocava daqui lá fora, tocando e voltava. Mais quando tocava aquele trombone, aquela música toda, levantava até defunto.” (emocionada)

**Mateus** - O que vocês comemoravam?

**Vanilda** – Comemorava a festa de Nossa Senhora da Conceição.

**Tereza** – No mês de maio tinha a ladainha cantada e o terço. Eu trazia meus filhos e ela (Vanilda) trazia os filhos dela. Meus filhos nunca negavam vir pra igreja. Eu dizia: Vamos? Todos eles vinham. Tinha muitas crianças.

**Vanilda** – As crianças gostavam muito, cantava muita brincadeira de roda.

**Lecy** – Passava lista para arranjar dinheiro e comprar as flores.

**Vanilda** – Passava lista, não tinha dinheiro como hoje em dia tem dízimo. Antigamente não. Passava a lista e tinha que ir ao Barro Vermelho pra carimbar. Fazia a festinha e o que sobrava levava pra lá, não ficava aqui nenhum centavo.

**Lecy** – Alugavam as barraquinhas e não ficava aqui não. Era lá em baixo na rua. Tinha tanta barraca, vinha gente de fora.

**Vanilda** – Tinha pescaria. A preá entrando nas casinhas, era a sorte, ela escolhia a casinha que ia entrar.

**Lecy** – Era barraca daqui até lá em baixo. Era na rua.

**Vanilda** – Era aqui a trás.

**Paola** – Porque a rua se chama Valdir dos Santos?

**Tereza** – Em homenagem ao esposo dela (Vanilda). Porque tudo que tem no bairro....

**Vanilda** – Ele lutou muito pelo bairro. Não foi só aqui na igreja não.

Ele trabalhou tanto pela Igreja como pelo bairro. Ele não trabalhou só aqui na Igreja não. Ele trabalhou muito pelo bairro.

Olha, tem luz, tem água, tem ônibus, tudo trabalho dele e dos colegas.

**Tereza** – Foi através do esposo dela é que tem tudo aqui no bairro. Se não fosse ele não tinha nada.

**Lecy** – O esposo da senhora morreu por causa da política. Parece que ele não venceu de....

**Vanilda** – Mas ele já andava adoentado.

**Lecy** – Ele ficou triste, né, aí.....

**Tereza** - Isso ai foi assim: Tava pra ter uma eleição no bairro para eleger um vereador. Então o que lutamos pra esse ganhar. Aí o vereador Antonio Lopes Faria da Cunha que bebia cachaça pra caramba... Então quer dizer. Ele que não fez nada pelo bairro, nada, nada mesmo. Na eleição ele ganhou para vereador. Quando o meu cunhado viu que ele tava descendo, que era da comunidade, que era cumpadre dele, trabalharam juntos e o outro que nada fez ganhou. Ele não aguentou e teve um colapso.

**Vanilda** – Eles diziam que Engenho Pequeno estava fora do mapa. Agente ia lá na reunião pedir coisas aqui pro bairro.

**Vanilda** – Ali na curva fria tinha uma pedra assim de ponta, que se passasse um ônibus arrebentava a frente. Então juntou ele e os colegas todos velhos, tudo velho a arrebentar essa tal de pedra pra poder deixar passar o ônibus. Só vinha até ali na esquina do colégio (Luiza Honória). Só vinha só até ali.

**Tereza** – Como que ele tirou a pedra?

**Vanilda** – Foi com a mão, foi a murro, foi a marreta né.

**Gabriel** – Qual o nome do padre que celebrava aqui?

**Vanilda** – Padre Menseslau, ele já morreu. Ele ficava no Barro Vermelho. A gente não tinha um seminarista para acompanhar a procissão. Eu tinha receio da procissão na rua. Aí eu pedia o padre pra mandar um seminarista para acompanhar a gente, então aí, ele mandava um seminarista. A gente ficava tão contente, que só vendo. Uma procissão bonita, cheia de gente, com andor, nossa Senhora toda enfeitada, tinha luzinha em voltado do andor de pilha, mas era a coisa mais linda do mundo, tinha bandeiras nacional, daqui de nossa Senhora da Conceição. As crianças todas de anjo em volta do andor, né. Com suas lanternas clareando a noite, né, e os adultos com suas velas acesas também né. Mais era muito animado! (emocionada)

**Lecy** – Quando eu cheguei aqui tinha a fazenda né. Aí eu vim aqui, em baixo do porão tinha...

**Vanilda** – Em baixo do porão tinha aquelas coisas que os mordomos, os brancos. Os troncos de amarrar os escravos, nos ferros, penduravam eles de cabeça pra baixo, isso aí era judiação que eles faziam com os escravos, eles eram judiados né.

**Lecy** – Depois eu tava mais ou menos um ano e meio a dois anos, ai que eles tiraram a igreja, porque tava ocupando o lote de Manoel.

**Vanilda** – Um pedaço.

**Lecy** – Um pedacinho de nada, mas fez tirar.

**Entrevistadora** – Ninguém quis preservar a capela, assim como a capela do Colubandê?

**Vanilda** – Eu preservei pra ganhar o terreno. Pra ganhar o terreno daqui. Porque aquele do lado foi comprado. Esse da Igreja foi doação. O documento da doação está com o Padre Jorge. Se não construísse eles tomavam né. Um dia arrumando, fazendo faxina, fui na casa dele. Aí, ele disse: o dia já passou da data. Aí eu corri fui lá na companhia, na Rua Coronel Serrado, mas só ia eu sozinha, né, mas ele me atendia, eu falava mesmo. Há eu não vou dar não, o padre quer fazer casa para ele. Ele não tem casa, eles moram, mas depois eles são transferidos para outros lugares, então o terreno é pra gente.

Aí o padre Menceslau não queria o terreno também, porque... e se passasse pro nome da gente, a gente ia querer mais tarde, né. Igual ao do São José do Rio. Aquele de São José do Rio é de irmandade doado da cúria. O daqui não foi pra cúria, devia ter ido, com esses documentos que tem né. Nunca será paróquia se não....

**Lecy** – Aí derrubaram a fazenda.

**Paola.** Quando a Rua passou a se chamar Valdir dos Santos?

**Vanilda** – Depois da morte dele, homenagem a ele. Porque ele trabalhou tanto pra Igreja e bastante para o bairro. Ele e os colegas né, os colegas não eram muito aqui na Igreja não, mas por fora....

**Tereza** – Rua Valdir dos Santos não é no bairro todo.

**Vanilda** – É estrada Valdir dos Santos, começa ali no antigo mercado Açoriana até o final do 48.

O sonho dele era ter uma delegacia no bairro, ele tava trabalhando pra conseguir. Mas morreu né.

**Lecy** – E não tem até hoje.

**Vanilda** – Pra os vereadores só interessa o dinheiro no bolso, não fazem nada. Eu acho né.

**Lecy** – A senhora não tem retrato da fazenda não?

**Vanilda** – Não, antigamente a gente não pensava nestas coisas não. Poucas pessoas tiraram retrato.

**Vanilda** – A gente só não perdeu esse terreno porque eu corri atrás, né. Eles têm o tempo, porque se não fizer nada eles tomam, aí vai pra companhia de novo. Aí corri e pedi ao Seu Alfredo pra fazer dois cômodos.

**Lecy** – E a catequista?

**Vanilda** – Eu fui a primeira catequista.

**Lecy** – Tinha Celina de Irani.

**Vanilda** – Depois eu fui botando Sônia, Erotildes a irmã da Dina, Neuza que morreu incendiada, tinha várias, mais agora eu não me lembro.

**Vanilda** – Eu sozinha, né.

**Lecy** – A senhora se afastou depois.

**Vanilda** – Eu deixei depois que ele morreu, vai fazer quarenta anos. Ele fazia bandeirinha, né, pra enfeitar até lá embaixo. A gente era tão bobo que chovia lambia tudo. Aí a gente tornava a fazer de novo. Hoje em dia tem de plástico, né. Ele ficava tão nervoso. “Puxa nossa Senhora não quer essa festa não, lambeu as bandeirinhas todas né.” Aí botava as crianças pra fazer, né. As crianças gostavam muito.

**Gabriel** - A senhora sabe quem derrubou a capela?

**Vanilda** – Foi o grupo que queriam construir essa.

**Tereza** – Eles vieram ver se tinha ouro enterrado em baixo da capela. (risos)

**Vanilda** – Ninguém pegava os santos não, eles tinham medo dos escravos vir pegar. O cemitério dos escravos era ali embaixo, era um bananal danado, era banana prata. Era um quarteirão.

**Lecy** – Eles acharam caveira.

**Vanilda** – Era ali que enterravam os escravos. Acontecia desastre quando passavam ali. Inclusive o meu irmão. Tinha caindo uma paineira, um tronco. O meu irmão chegou ali e não podia passar.

**Mateus** - E a escola?

**Vanilda** – Ali onde é o sitio sorriso, ali tinha uma escolinha primária né. Só.

**Tereza** – Ali fora e que tinha a escola trinta e dois.

**Lecy** – Ali tinha a escola Luiza Honória.

**Vanilda** – Essa escola é nova, essa também foi ele (Sr. Valdir) que conseguiu. Ônibus, todo melhoramento que tem aqui foi ele que lutou.

Valdir foi um chefe de família muito bom, um irmão muito bom, foi um filho muito bom, né , um colega muito bom pra todo mundo. A profissão dele era capoteiro. Capoteiro de carro, você sabe o que é, né. Nós tivemos dois filhos Marcio José Lemos dos Santos e Marcos José Lemos dos Santos.

Eu sou irmã dela (Tereza) e o marido dela e irmão do meu.

**Entrevistadora** – Nós agradecemos a vocês por esta oportunidade e por tudo que fizeram para que hoje pudéssemos ter este espaço para continuar.

3ª Entrevista

Data: 14/03/2010

Local: Residência do Sr. Alfredo e dona Anizia

**Transcrição na íntegra da 3ª entrevista:**

Participou comigo nesta entrevista o adolescente Jonatha

**Entrevistadora** – O que a senhora lembra da capelinha?

**Anizia** – Ela era abandonada, né. Tuli meu velho aqui e minha filha aqui, todos. A gente aqui quem lutou muito por aquilo ali. Tinha pé de árvore em cima do cruzeiro. Cavalos viviam ali dentro, era abandono mesmo. O poste dos escravos que ainda tem aqui em casa. Tuli trouxe esse poste para aqui, ele vive esticado aqui no quintal. Era aonde prendiam os escravos. É como a gente diz, a gente lutou muito por aquilo ali. Muito, muito. Então no dia quando vou a missa, eu me sinto coisa de como era aquela capelinha, e hoje em dia como é a Igreja. Isso é uma satisfação muito grande pra mim, pra ele. Muitas pessoas que trabalharam ali, muito, muito mesmo. Só resta eu e ele.

**Entrevistadora** – A senhora lembra da catequese, quem ficava a frente?

**Anizia** – Isso não me lembro não. Lembro de Dina de Madureira, irmã Severina, irmã Lidia. D. Lilica.

**Entrevistadora** – A senhora lembra do Sr. Valdir?

**Anizia** – Lembro, marido de D. Nini.

**Entrevistadora** – A senhora se lembra em que época chegou aqui no Engenho Pequeno?

**Anizia** – Quando viemos da Bahia, fui para Cantagalo, depois para Curitiba, depois foi que vim pro Engenho Pequeno. Mas não me lembro da data não. Quando nós chegamos já tinha

esse colégio, a padaria, o armazém do falecido Pedrinho, o que mataram. Eu não alcancei, quando disseram que aqui era caminho de roça, né. Quando cheguei já tinha essa rua aqui, alguma casa. Essa casa nós construiu. Já tinha ônibus

**Entrevistadora** - Quais mudanças ocorreram aqui no bairro?

**Anizia** – A mudança aqui dentro do Engenho Pequeno? Há tiveram muitas, aqui evoluiu muito, do modo que era aqui. Hoje em dia, como se diz ta quase uma cidade. Não é? Tem saída pra tudo quando é lugar não é? Era uma roça. Era difícil a água, agente tinha que ir lá na frente que uma dona dava pra gente. Carregava água lá de baixo da curva fria. Perto do colégio Mario Quintana. Carregava água na cabeça de lá pra qui. Lá na pedreira que é Ribeiro Santos, agente ia com a bacia na cabeça. Agora não, evolui muito.

**Entrevistadora** – Conte-nos uma história interessante que a senhora ouviu quando chegou aqui.

**Anizia** – Bom, as pessoas contavam que aqui era uma fazenda de escravos, muitos escravos, muito sofrimento aqui né. O pessoal dizia que era mal assombrado, os escravos que falecia, nos sofrimento deles que tinham né. Eu, graças a Deus nunca vi nada, mas os antigos falavam isso. Isso aqui era tudo um brejo, que morava escravos. E hoje em dia tá tudo asfaltado.

**Alfredo** – Eu não me lembro mais de nada, estou doente. Só lembro que eu trabalhava muito, era dia e noite.

**Anizia** – Ele era quem levava o som lá pra capelinha. Foi a gente que comprou aquele som. Um aparelho enorme. Quem trabalhou ali também foi o marido de D. Nair. Muita gente trabalhou ali.

Neste momento ela se levantou para nos levar ao quintal pra olhar o poste que trouxeram da Fazenda. Passando pela cozinha nos mostrou uma imagem que também era do altar da capelinha.

**Entrevistadora** – Obrigada por nos ter recebido em sua casa e por partilhar conosco um pouco da sua história.

**Anízia** – De nada “lia” (carinhosamente me chamou) foi um prazer meu e do meu velho. Ele ficou assim, não se lembra mais.

4ª Entrevista realizada na residência da Sra. Margarida

Data: 04/10/2010

Local: Travessa Monte Pascoal

### **Transcrição na íntegra da 4ª entrevista:**

**Margarida Vale Ribeiro - 83 anos**

Nasceu na Fazenda Ipiiba em Santa Isabel.

**Entrevistadora** - Quando foi que a senhora chegou ao bairro?

**Margarida** – Que eu moro aqui é 50 anos, mas eu já conhecia antes, aí eu não sei se vai servir ou não.

**Entrevistadora** - O que se lembra da capela quando chegou?

**Margarida**- Quando eu cheguei ainda tinha a capela, tinha a fazenda, mas aí depois disso, passado uns anos que eu não me lembro quanto, porque não queriam derrubar a fazenda que era um patrimônio histórico. Mas aí os terrenos já eram vendidos, já tinham loteado. Aí eles queriam... então nessa época que eles venderam aquela parte lá de baixo onde mora Margarida aquele pessoal ali. Então foi quando aí derrubaram a capelinha e derrubaram a fazenda.

Isso tudo era bem dizer tudo mato, a fazenda, só. Mas depois eles lotearam, quando eles lotearam e deram aquela parte ali né. Foi que aquele pessoal, como ali o Valdir e Nini fala. Porque os primeiros moradores daqui, fui eu, desta travessa, e o primeiro foi o sogro delas, elas não moravam porque era solteira. Depois casou. Ele morava ali naquela casa.

**Entrevistadora** - O que tinha no Engenho Pequeno?

**Margarida** – Nessa época só tinha mato, nada mais, antes disso eles deram o terreno do colégio, a gente veio de Santa Catarina na inauguração da pedra fundamental, aí veio uma porção de gente, algumas pessoas que tinha por ai, porque os moradores eram muito pouco. Mas não era da parte da fazenda. Então dessa época pra cá foi... quando foi da história da derrubada da fazenda, que não podia porque era patrimônio histórico, do tempo dos escravos né, mas derrubaram. Aí parece que eles ali perguntaram como ficava o negócio da Igreja né,

queriam a igreja, a capelinha tal, aí foi quando eles doaram, eles correram atrás. Foi o marido de Nini e o irmão seu José do café, conhece seu José Carmo que mora naquela entrada ali, a filha dele é lá da Igreja, quando eu ver por lá te mostro. Ela devia ser colega de vocês na época do colégio. Então, seu Irani também que ainda não era crente, aí correram, parece que foi no dono Dr. Frederico, acho que era o dono na época. Então, ele doou o terreno da Igreja, mas só como já tinha vendido a outra parte ficou com a frente pra lá. Então, até ai eu sei. Daí pra cá fizeram uma capela igual a “galpão grande” não sei se você alcançou, tinha missa com padre Dircélio, não sei se vinha todo domingo, isso ai eu não lembro.

**Entrevistadora** - Tinha festas?

**Margarida** - Tinha festas antes de começar a construir a Igreja, depois foram construindo, foi devagar, aí veio o padre Jorge, ... todo mundo trabalhando, tá bonita. E aí pode falar da escola.

**Entrevistadora** - Qual foi a primeira escola do bairro?

**Margarida**- A escola demorou um bocado. A primeira não foi essa. Era lá fora. Você sabe o porquê o nome do colégio Luiza Honória do Prado? Não. Ninguém sabe, ainda estou até pra falar com Miguel (ele é atualmente o diretor da escola), mas ainda não fui. É porque D. Luiza Honória do Prado foi a primeira professora do Engenho Pequeno, ela dava aula lá dentro no Raposo, era duas salas de aula, ela vinha a cavalo, porque o irmão dela morava ali. Ela foi professora da minha sogra. Vinha a cavalo pra dar aula lá dentro, aí desses anos eu não sei mais nada. Aí sei que a escola continuou na casa dela na Casemiro de Abreu, era pegado a nós, nós éramos vizinha lá na casa do meu tio, Com o nome trinta e dois. O nome do colégio era 32. Depois foi lá pra... aí já não era mais com ela, ela já tava aposentada, eu acho, aí ela foi lá para Avenida Serrano com o nome 32. De lá, aí já não sei quem era as professoras, talvez dona Neuza ou outras que eu não sei. Meu filho Jorge chegou estudar lá. Depois voltou ali pra perto da finada Neuza. Num tem um bar ali? Aquilo ali era dos pais de Elza, então alugou um salão pra dar aula, era 32. Então dali foi que ele ali... cheguei ir lá quando fechava. O colégio era fechado três meses de férias, então quando era pra fazer assim uma limpeza geral, como tinha professora conhecida, então me chamava pra dar limpeza fazer uma geral, as vezes era Adine. Neuza também estava ali e mais outras que eu não sei. Então, aí como já tinha doado esse terreno pro colégio, então aí foi construído ali. Foi no governo Jeremias Matos Fontes ele construiu esse colégio, conforme vocês, eu acho, já estudava. Dentro da

lama, muita água, então elas me chamavam pra mim fazer limpeza. Antes do colégio vir pra ali, a chave já ficava na minha mão, porque não tinha ninguém conhecido, elas já me conhecia. Elas vinham lá de fora a pé da volta fria até aqui no colégio, não tinha ônibus, não tinha nada. Então daí pra cá ela me chamou pra mim trabalhar pela caixa escolar, trabalhei cinco anos, praticamente de graça, quase cinco mil réis, mas valeu, mas agora tenho minha aposentadoria. Os alunos me ajudavam muito, por causa do aguaceiro, da lama. Depois vinha o servente do Estado e fazia a limpeza hoje, e amanhã quando voltava, já estava tudo cheio de lama de novo.

Depois fui merendeira e fazia quase tudo, carreguei muita água na cabeça, porque não tinha ainda merenda, mas era pra limpar tudo. Não to mal satisfeita porque no final me serviu. Mas a rua da lama continuou. Depois de muito tempo que melhorou. Do nosso tempo já não tem quase ninguém.

É por isso... que era colégio 32, mas botaram o nome dela, disseram que só podia botar o nome quando morresse, mas o dela foi botado quando ela era viva ainda, Luiza Honória do Prado. Todo ano, no dia 22 de setembro, dia do município era o aniversário dela. Então, todo ano fazia aquela festinha, ela vinha, tal quanto podia andar. Depois morreu. Mas ela era muito boa, conforme não tinha outra aqui no Engenho Pequeno! E pra ela ser professora da minha sogra, né.

Antes eu já trabalhei ali onde era o Mario Quintanas, era uma fábrica de fogos. Ali não era nem colégio. Muita gente não sabe. Isso aqui era tudo... era caminho lá vai um, a gente vinha lá de Santa Izabel.

**Entrevistadora** - Quem foi seu Valdir dos Santos?

**Margarida** – Valdir dos Santos foi o marido de D. Nini e o outro tratavam Titinho de D. Tereza. As crianças dessa época estudavam juntas, todo mundo ia pro 32.

Primeiro do que eu aqui ninguém, nessa travessa. Só eles ali (a família de D.Nini) Travessa Monte Pascoal.

Colocaram Valdir dos Santos porque ele fez alguma coisa por aí, ajudou também, então botaram.

Antigamente era tudo Mentor Couto, mas depois colocou Valdir dos Santos a partir do colégio pra lá. Porque ele fez sim alguma coisa pelo bairro.

Igual essa menina Dina, o pai de Dina, ele trabalhava numa horta, numa casa de sape grande eles moravam lá, eles eram pequeno. Era uma horta imensa aqui do pai de Dina seu Marçal e a mãe era D. Inhora.

**Entrevistadora** -Seus filhos fizeram primeira comunhão na capelinha?

**Margarida** - Célio e Julia fizeram na capela

**Entrevistadora** -Tinha água encanada?

**Margarida** - A água foi cavada da volta fria até aqui na travessa. Todo mundo ajudou, foi cavado pelos moradores. Mas quando correu uma tal de barreira, aquele morro lá era assim inclinado, a gente ia lá pra fazer piquenique. Mas depois o trator passou e paniu o morro e jogou a terra naquela gruta, depois de muitos anos criou mato, aquele capim. Quem comprou não sabia de nada e fiquei sabendo que a barreira correu e fechou a rua. Derrubou uma casa, morreu gente, ficou até duas crianças que não foi achada. Aí o pessoal ficou sem caminho e passava ali pelo condomínio que foi construído agora. Aí acabou a água, não sei se foi mal cavado, aí começou os problemas.

**Entrevistadora** -É por isso que chamavam de curva fria?

**Margarida** – Não, a curva fria já era chamada, já era chamada. De bambu era caminho lá vai um. A gente vinha cá pra dentro. Como naquela época não tinha o que fazer, as vezes vinha até a centro de macumba, tinha umas donas que passava lá apanhava a gente de noite e vinha trazer pra cá. Eu, minha prima e outra moça lá, quando passa ali nos bambuzal e ventava fazia barulho a minha prima tinha medo.

Mas aí a barreira. Choveu muito, foi numa época dia de São Gonçalo, choveu uns três, ou quatro ou cinco dias, sei lá, de chuva forte, então desceu porque aquela terra estava solta, mas só porque ninguém sabia nem foi lembrar depois. Aí desceu aquela barreira jogou lá do lado perto da casa de Edir. Não tem... Aquele morro ali ficou tapado, então o pessoal passava pela favela do tamanco, nessa época podia passar. Saía lá no Mario Quintana. Aí passado uns meses, sei lá quanto, que fui lembrar depois que aquela terra desceu foi porque estava solta,

chovendo muito, criou aquele mato, aquele capim, e quem comprou não sabia de nada. Aí nós ficamos sem água.

Não tem lá dentro onde era a antiga garagem? Do lado do colégio do município? Ali era uma horta, depois foi vendido para fazer aquele condomínio, acho que já não era mais da fazenda.

**Entrevistadora** -A senhora lembra da cachoeira?

**Margarida** – A cachoeira? Ainda tem. Ela descia, era muita água, a largura era quase a mesma, mas depois fizeram a ponte, né. Descia era muita água. De primeiro descia água da cachoeira por aqui que enchia isso tudo, a gente tinha que tá correndo, bota pra cá, bota pra lá, duas vezes encheu dentro de casa. Aí depois melhorou lá e vinha pela rua, aí não sei como foi... aqui não tinha casa nenhuma, primeira foi a minha, a obra toda que foi feita por aqui usava a areia do rio. A gente, eu, meu filho Jorge e mamãe tiravam areia do rio e vendia, vinha um caminhão. Depois a gente tirava da rua, porque descia muito.

Porque isso aí as pessoas não sabe, nem prefeito, nem ninguém. Vem faz uma obra, mas não sabe como foi o principio. Aqui quem loteou foi Dr. Frederico.

**Entrevistadora** -E a procissão?

**Margarida** – A procissão, ela saia depois da missa da capelinha, nessa época ainda tinha a fazenda e eu não morava aqui, morava em Santa Catarina. Aí saia a procissão tudo a luz de vela né, cantando como sempre, rezando, o andorzinho com a santa, aí ia até lá fora e de lá voltava. Quando voltava não tinha mais nada, era aquele lampião pra lumia a Igreja, aquele lampião de querosene grande, umas velas que acendia, porque não tinha luz, não tinha nada, muito disso veio mais tarde. E aqui na travessa onde nós estamos morando, botaram a luz depois na rua principal. Os postes daqui fomos nós que compramos.

Neste momento entra o marido de D. Margarida, o Sr. Valdir.

**Valdir** – Eles derrubaram tudo, derrubaram a fazenda dali. Tava Elcio, Bila, ele também tava, não tava?

**Margarida** – Mas foi com ordem da prefeitura. Só não lembro o nome do prefeito. Um tempo passado aí, saiu uma notícia sobre a capela e eu disse não é nada disso, tá tudo errado.

**Entrevistadora** – Obrigada por esse momento tão especial.

**Margarida** – Se você apresentar no colégio pode me chamar ta.

## **APÊNDICE C- GINCANA**

### **I GINCANA CULTURAL – “REMEMOR E CONTAR A HISTORIA DO BAIRRO ENGENHO PEQUENO”**

#### **1. OBJETIVO:**

1.1 - Promover uma gincana cultural com os adolescentes frequentadores da Igreja Nossa Senhora da Conceição, a fim de construir com eles uma lembrança e reconstrução da história do bairro, contribuindo para a formação de sua identidade como moradores que se reconhecem construtores da história local.

1.2 - Oportunizar aos adolescentes um olhar para os registros da memória material e imaterial do patrimônio do bairro, em que possam perceber a formação da identidade social.

#### **2. PROPOSTA**

2.1 – Foram convidados os adolescentes para participarem da I Gincana Cultural a ser realizada na Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição do Engenho Pequeno – A proposta foi apresentada com uma breve apresentação sobre a história do bairro, a partir da capela, com objetivo de aguçar e despertar a curiosidade dos convidados.

2.2 – Os grupos constituirão equipes que deverão ter 05 a 10 participantes, um nome para identificação e um coordenador responsável pelo grupo em todas as atividades e porta-voz para eventuais esclarecimentos.

2.3 – A gincana se desenvolverá ao longo de cinco semanas, contando com um encontro semanal.

#### **3. TAREFAS:**

3.1 – Trazer fotos antigas que contemplem algum detalhe da história do bairro.

- Das festividades, indicando festa, local, pessoas, ano.
- Locais públicos que compõem o bairro; paisagens, prédios, construções, etc.

Obs.: A pontuação terá como critério a antiguidade das fotos.

3.2 – Trazer reportagens adquiridas através de jornais, revistas ou internet sobre assuntos diversos sobre o bairro.

Obs.: A pontuação terá como critério a antiguidade da reportagem.

3.3 – Trazer uma entrevista realizada com um morador mais antigo do bairro.

3.4 – Confeccionar com todo o material um mural para apresentação da história lembrada e construída do bairro.

3.5. – Apresentar o mural confeccionado na comunidade escolar previamente escolhida e aceita pelo grupo.

#### **4. PREMIAÇÃO:**

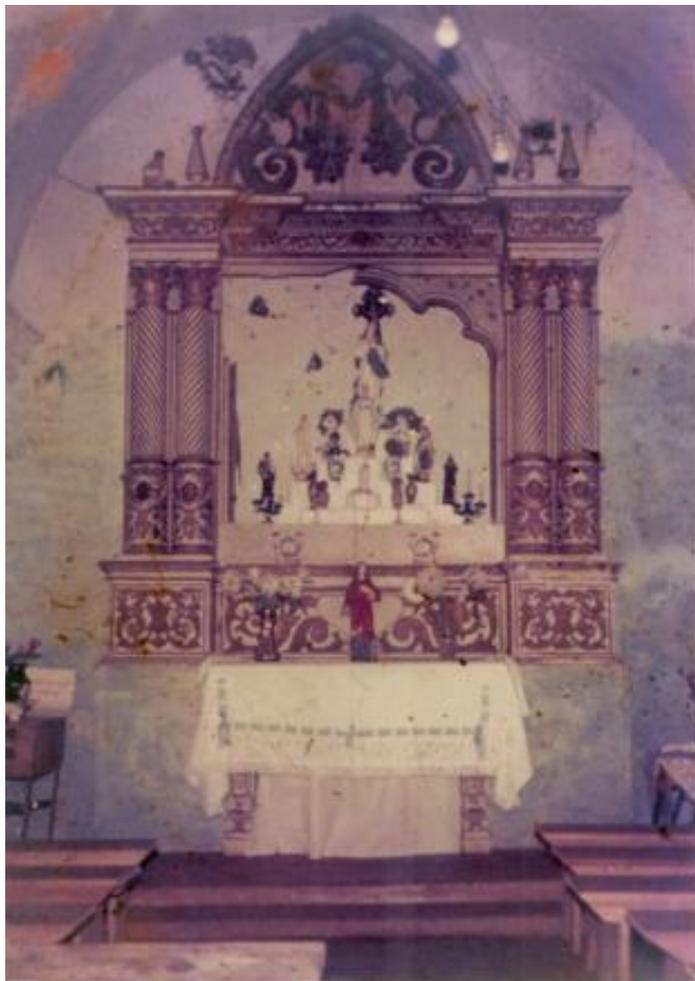
4.1 – O prêmio consistirá num passeio a Fortaleza de Santa Cruz.

## APÊNDICE-D FOTOGRAFIAS



**"O poste dos escravos que ainda tem aqui em casa. Tuli trouxe esse poste para aqui, ele vive esticado aqui no quintal. Era aonde prendia os escravos." Anisia**

*Imagem 1 - o poste esticado no quintal do Sr. Alfredo*



*Imagem 2 - Altar da Capelinha de Nossa Senhora da Imaculada Conceição*



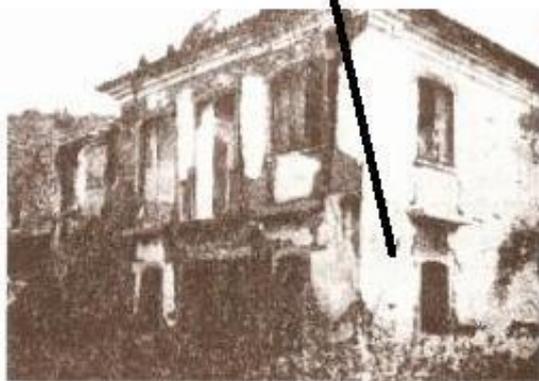
*Imagem 3 – “o casarão” da Fazenda Engenho Pequeno  
Foto adquirida no processo da gincana cultural*



*Imagem 4 – Uma montagem utilizando a imagem 3 com uma foto da Igreja N.S. da Imaculada Conceição (2011)*



Marilene nasceu no casarão em 1938 e morou lá até 1955 quando se casou.



Fazenda do Engenho Pequeno — Casa Grande

Fonte - MOLINA E, SILVA, 1998



Imagem 5 – Uma montagem das fotos do álbum pessoal da Sra Marilene no casarão da Fazenda Engenho Pequeno com a foto da Casa Grande da Fazenda do Engenho Pequeno de Molina e Silva, 1998



**Foto de Marilene com o seu padrinho, João Luiz Gomes da Cruz na Fazenda Engenho Pequeno.**

*Imagem 6 – Marilene da Silva Santos e João Luiz Gomes da Cruz na Fazenda Engenho Pequeno  
Foto do álbum pessoal de Marilene da Silva Santos*

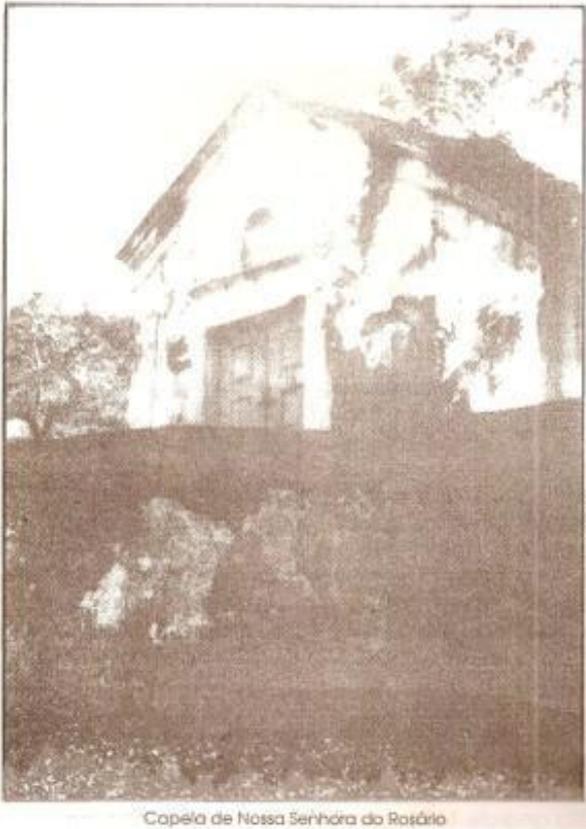


**Foto de Marilene com sua mãe e seu pai, Felix Antônio da Silva na Fazenda Engenho Pequeno.**

*Imagem 7 – Marilene da Silva Santos com seus pais na Fazenda Engenho Pequeno  
Foto do álbum pessoal de Marilene da Silva Santos*



Imagem 8 – Uma montagem da imagem 2 com uma foto tirada na casa do Sr. Alfredo (2011)



Capela de Nossa Senhora do Rosário



O seu novo proprietário remodelou a capela e trocou a devoção ao título da virgem Maria, de Nossa Senhora do Rosário para Nossa Senhora da Imaculada Conceição.

Fonte - MOLINA E, SILVA, 1998

*Imagem 9 – Uma montagem da foto da capelinha (Foto adquirida no processo da gincana cultural )  
Com a foto da Capela de Nossa Senhora do Rosário de Molina e Silva, 1998*



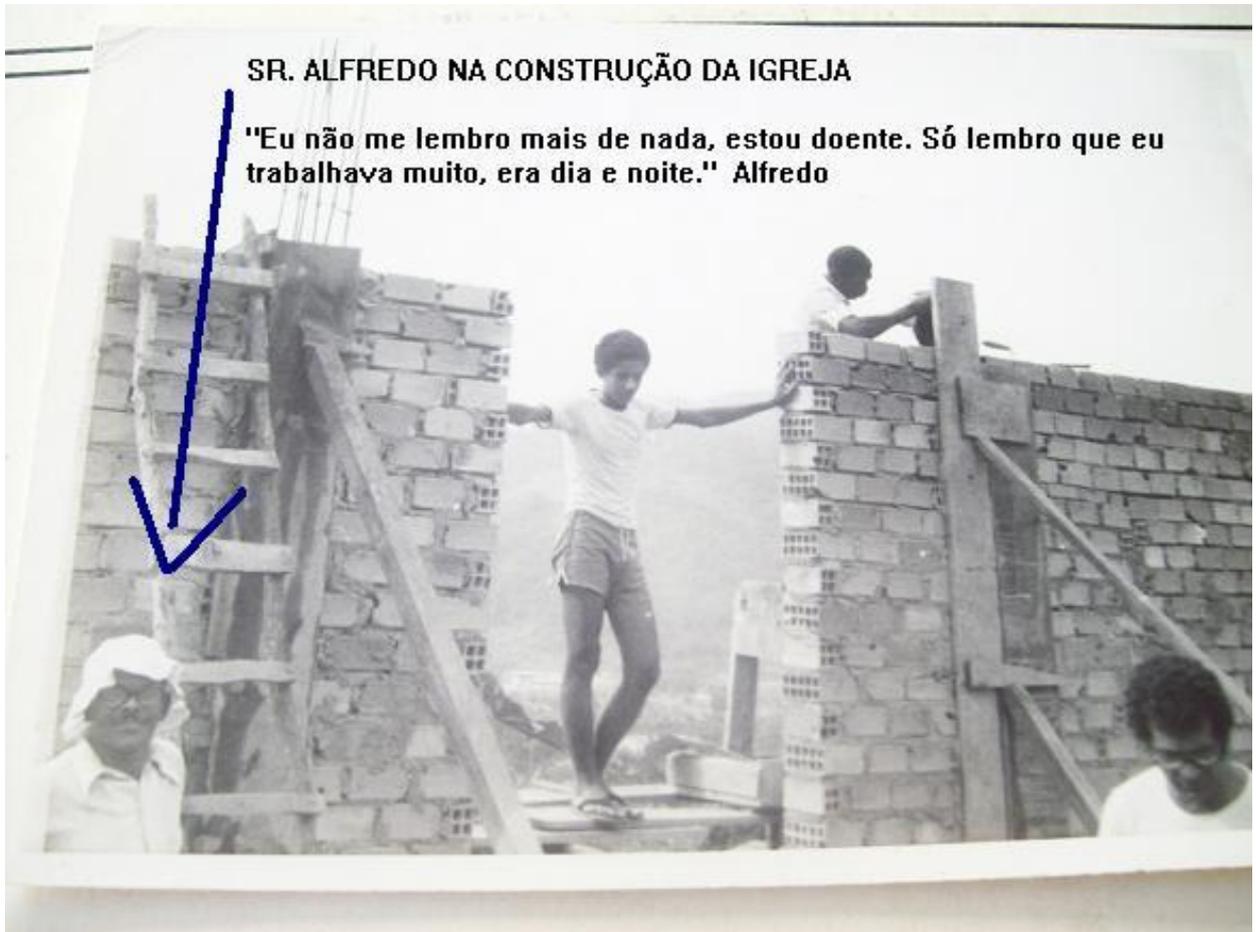
*Imagem 10 – Uma montagem da foto da capelinha (Foto adquirida no processo da gincana cultural)  
Com a foto das irmãs Tereza e Vanilda no dia da entrevista (2009)*



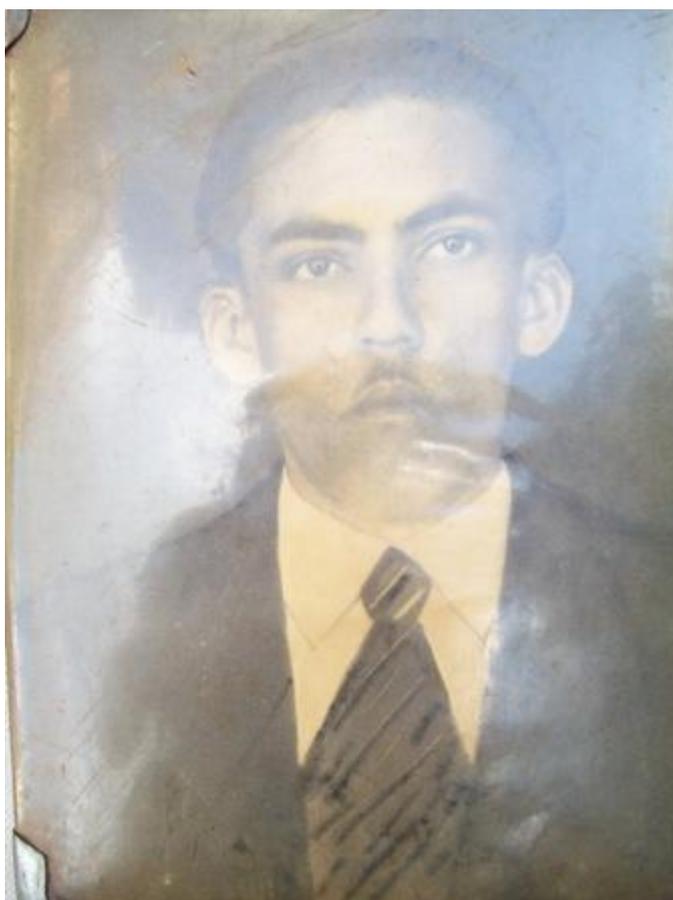
*Imagem 11 – Foto da capela provisória de N.S. da Imaculada Conceição em 1978 do álbum pessoal de Maria dos Remédios Barbosa*



*Imagem 12 – Foto da construção da Igreja N.S. da Imaculada Conceição do álbum pessoal de Maria dos Remédios Barbosa*



*Imagem 13 – Foto do Sr. Alfredo na construção da Igreja N.S. da Imaculada Conceição do álbum pessoal de Maria dos Remédios Barbosa*



Nome	Valdir José dos Santos		
Nascido em	S. Gonçalo RJ		
	a 29 de maio	de 1920	
Filho de	Klus José dos Santos Maras Thabel dos Santos		
Estado civil	casado	Côr. hair	Altura 1,82
Instrução	primária		
Profissão	carateiro		
Residência	S. Gonçalo RJ		

Imagem 14 – Foto do Sr. Valdir dos Santos do álbum pessoal de Vanilda Lemos dos Santos



*Imagem 15 – Foto dos adolescentes (Mayara, Mateus Cavalcante, Gabriel, Paola e Ohana) no dia da entrevista com as irmãs Tereza e Vanilda (2009)*



*Imagem 16 – Foto dos adolescentes (Poliana, Gabriel e Mateus Cavalcante) na frente da Igreja N.S. da Imaculada Conceição no dia da entrevista com as irmãs Tereza e Vanilda (2009)*



*Imagem 17 – Foto da primeira comunhão de Maria dos Remédios Barbosa*